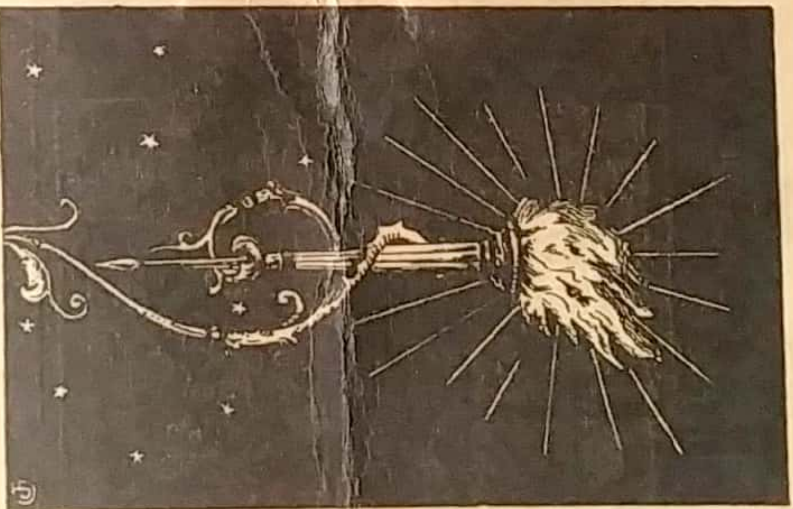


REVISTA LITERARIA DO COLEGIO PEDRO II
ANO I NÚMERO II

ATENEU



DIREÇÃO

JULIO GALPER DARIO SANTOS

JULIO SALEK

NOVEMBRO



1933

CASA PAULISTA

Móveis de estilo
Fábrica de colchões
Preços baratíssimos
Avenida dos Democráticos
820

CURSO DE MATEMÁTICA

APARECERA, BREVE, O
1º VOLUME DO
DO PROFESSOR
FERNANDO TINÓCCO
(4 VOLUMES)
Para Ginasiats e candidatos às Escolas
Militares e de Engenharia

DOCES

Para casamentos, batizados, pique-niques, etc.
Doce fino especiais a \$200
Doce fino a \$100
Doce comuns, 1/2 cento 35\$000
Preço para sanduichas e
de todas as qualidades
FÁBRICA DE DOCES MODÉLO
e PADARIA MODERNA
56-62—Praça da Republica—56-62
FONES 2-5939 e 2-5745

CASA COLONIAL

Não paguem luxo!
Comprem barato na
Lapis, cadernos,
brochuras, etc.
Fios de todas as qualidades para crochê, só na casa COLONIAL
Rua Buenos Ayres, 273

CASA DE MIL ARTIGOS

Tecidos em geral de seda, lã e algodão. Ferragens, lonças, tapeçarias e artigos para presentes. Linhos e cretones
PREÇOS ESPECIAIS
363 - Rua General Camargo - 363
(Proximo á Prefeitura)
TELEPHONE 4-5807

HUGOSPAGNUOLO

FABRICA DE BRINQUEDOS
Av. dos Democráticos, 813
DOMSUCESSO
Recados
Tel. 9-6036

Papelaria Avelino

Artigos para Escritório e Colegiats
Rua Buenos Ayres, 253
Tel. 4-4544

COISAS AMERICANAS

Waltreus: Meireles ficou noivo, um dia, de noiva prendada e de ilustração. A sogra era nobre, o sogro era um sábio e a noiva, produto do fustio e saber, caiu pelo Kreuse, um pobre plebeu, que, por simplicia, só tinha o seu curso, mitrado, acanhado, de ginasiat.

No dia das bodas, quis dar um presente, mas bem á altura da noiva ilustrada, que a sogra não rise, nem o sogro corasse.

Carreu avendias, Descer bondarida, Em becos escuros até mesmo entrou.

Só quando passando, Assembléa, noventa, de Anibal, Taxeira e mais Companhia, viu um sortimento completo de reguas, estojos, pranchetas, carbono, compasso e mais tira-linhas e mais quadros negros e duplo decimetro e reguas de cálculo. A noiva, de tarde, ganhou um presente bem alto, á altura do alto saber.

A sogra, contente, o sogro, sorrindo, a noiva, radiante, o Kreuse feliz, tomando das regas lançaram seu brinde quebrando a cadencia de tão belo verso, lançando as aldrás num canto de morte: Viva a Papelaria Americana!

ATENEU

Directo: Julio Galper, Julio Salek e Dario dos Santos

Administração: Julio Galper (fundador) e

Manoel Salek

Redação: Julio Salek, Ari da Mata e An-

tonio de Padua

REPRESENTANTES

Turno da tarde - Walkrease Correa Mi-

reles e Paulo Alves

» manhã - Antonio Rebelo Filho

» noite - Eugenio Montella

Representante no Internato: Dario dos Santos

EXAME VESTIBULAR À FACULDADE DE MEDICINA

CURSO DO

Professor Claudio Mélo

INFORMAÇÕES

AVENIDA RIO BRANCO, 91 - 7.º andar

SALA 13 - FONE 3-5259

Diariamente das 16 às 18 horas

ALFALATE MENDONÇA

R. S. José, 49 - 1.º andar

PREGOS RAZOAVEIS

Tel. 3-3752

MEDICAL ENGLISH

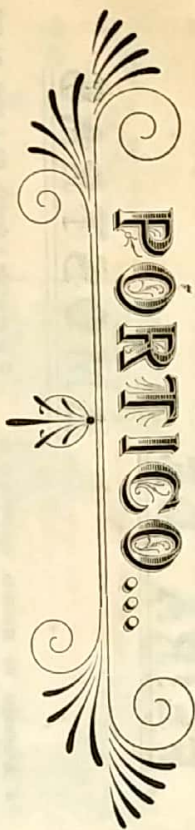
Para o exame vestibular da
Faculdade de Medicina

Livraria Alves

Editora

RIO DE JANEIRO, S. PAULO

BEL-O-HORIZONTE



GERTA VEZ...

*Certa vez, naquela Jerusalém multise-
cular, viveu um ancão filósofo, que per-
corria os mais exóticos países, conheceu
os mais disparres poros e falou as mais
díficeis línguas.*

*Raramente, deixava sair de seus lábios
trêmulos palavras vãs, porque seu cérebro
super-humano só conhecia a verdade e a sa-
pência.*

*Ilustrado no conhecimento do mundo,
pelas viagens que fizera, tinha o espírito
nômade, educado na observação e no pen-
samento. Mal ficava alguns dias numa ci-
dade, já mandava aprestar o camelo para
novas viagens. Assim fora sua existência,
até então, quando, velho já, viveu em Je-
rusalém, velho de corpo, sim, mas novo de
espírito: experimentado da vida, mas sem-
pre avido de nova ciência, de maior saber.*

...

*Nunca noite enluarada, em que as es-
trelas enfeitavam bizarramente a morada de
Joaquim, contava a mocidade pouca que se
reunia para ouvir-lhe as histórias fantás-
ticas de estranhos homens, que se abelha-
ram ao mundo para o estudo, a vida de um
sábio que se enclausurara longos anos,
para estudar, filosofar sobre o que conhece-
ra no mundo, pela inocuidade que já lhe
passara...*

*Conheceu-o e por ele tivera imensa
afeição. Morreu, porém, deixando uma
obra vasta e superior de literatura e ciência.
Com a voz grossa de novo profeta, dizia:
"Meus filhos, jamais vi eu, nem nos
conhecidos da História, nem no mundo interi-*

*ro, não direi homem mais sábio, que os
houve muitos, mas direi, sim, homem de
tamanha dedicação ao saber!"*

Objetou-lhe porém um jovem:

*"Mas senhor, que serviria isso a tão
desprezado sábio, se a morte e o tempo se
encarregaram de o fazer esquecer?"*

*"Não, meu filho, desapareceu o autor,
mas a obra ficará porque esta a História
acalherd, levando-a às gerações pósteras,
com exemplo de sacrifício pela Cibernética!"*

*O mesmo jovem calou-se, ficou o céu
imenso e cismou em quanto é grande a
vida e o que nela se pôde fazer, percebendo
a mesquinhez própria, ante tamanha de-
dicação...*

*Passam-se os anos... Passam, porque
o Tempo tudo leva e tudo faz esquecer. Por-
isso a vida é um rotizito intermínuto, em que
tudo muda a não ser aquela morada de Joaquim,
toda enfeitada de pequeninas estrelas...*

*Certa vez... um menino, principiante
do curso ginasial, mirava e remirava uma
pequena revista, que no seu colégio se fun-
dara. Não lhe dava importância, porque
não podia compreender quanto esforço se
concretizava ali. Um pensamento, porém,
monopolizava-lhe a atenção e procurou o
mestre para desfazer a dúvida que o asso-
berava:*

*"Mestre, não compreendo, porque esses
colégios perdem tempo, aulas, tudo, para*

FEIRA DE

AMOSTRAS

A Academia de Historia agradeceu as referencias, altas justas, que lhe fizemos.

E' jovem, ainda, essa agremiação. Entretanto, nunca existencia tão curta bordou-se de maior nobreza, nem de realizações mais fecundas.

Suas reuniões são verdadeiros palcos, onde pergamim, ao sabor das discussões, os fastos do Brasil ancestral, desde as épocas das contendas da invasão batallhava a turbulencia amorosa do nosso Primeiro Imperador.

Um teatro maravilhoso!
A' cortezia diplomática do seu presidente, ATTENEU agradece o cartão enviado.

A intellectualidade moça deste Colégio é uma realidade insosfismavel. Prova desta asserção é o primeiro livro de poesias de Alberto Hecksher.

Poeta formado em nosso meio, á custa do proprio esforço, Alberto, com 'Fogueira Sentimental', abre para si uma estrada gloriosa, que trilhará triunfalmente.

Não queremos analisar o valor intrinseco da obra. Melhor o farão os criticos severos e justos. Diremos, apenas, que os louros que lhe couber, por merecimento inconsteste, serão motivo de legitimo orgulho para o nosso Colégio, onde se formou, onde adquiriu cultura, essa mesma cultura sólida que extravasa nesse livro de poesias.

Esta quase centenária Casa de ensino só encontra motivos de justo orgulho na actividade intellectual dos que nela se instruíram.

A Embaixada Universitária, que ora de manda as plagas lusitanas, leva, como um de seus oradores, o poeta J. G. Araujo Jorge, que vem adquirindo rapidamente um renome invejado para um litterato tão moço.

Não é preciso mostrar seu valor, provado, á saciedade, no recente Concurso de Oratoria, para frizar quo justo é o orgulho deste Colégio, cujo passado se prolonga no presente

Alberto Hecksher e Araujo Jorge são duas provas grandiloquentes.

NA

V E S P E R A

DO

E X I L I O



Nem para todos é seduzo o desvelo de D. Pedro II pelo Colégio que lhe trás o nome. Conuem accentuar, para attenção das novas gerações, a constancia daquella desvelo.

Costumava dizer D. Pedro II que só governava interiormente, no Brasil, a sua casa e o Colégio de Pedro II. Destle, atento o segundo imperador sempre foi o primeiro amigo do instituto ao qual a regencia Araujo Lima ligou nome imperial, apudando o da semiária de S. Joaquin.

Vigilava D. Pedro II tudo quanto houvesse com o seu Colégio. Visitas frequentes, presença nas aulas, fiscalização de reitoras e professores, nada, nada esquecia o imperador

para tornar o Colégio estabelecimento, cujo bacharelado cobria de laureis os seus possuidores.

Realmente tempo houve em que a instrução dada pelo Colégio era completa. Um sétimo anista, a par do conhecimento do melhor das ciências e letras, aprendia desenho, música, ginstica, esgrima e dança.

O Destino, milolagicamente recado pelos proprios deuses, assignou com ultimo e significativo traço, o amor de D. Pedro II pelo seu Colégio. Dele saia na tarde de 14 de Novembro de 1889, após concurso para a cadeira de Ingles, subindo para Petrópolis.

Era o impavisto aticus ao Colégio No dia seguinte...

ESCRANOLLE DORIA

E' com esse apoio que contamos para proseguir em 1934.

Era Uma Vez

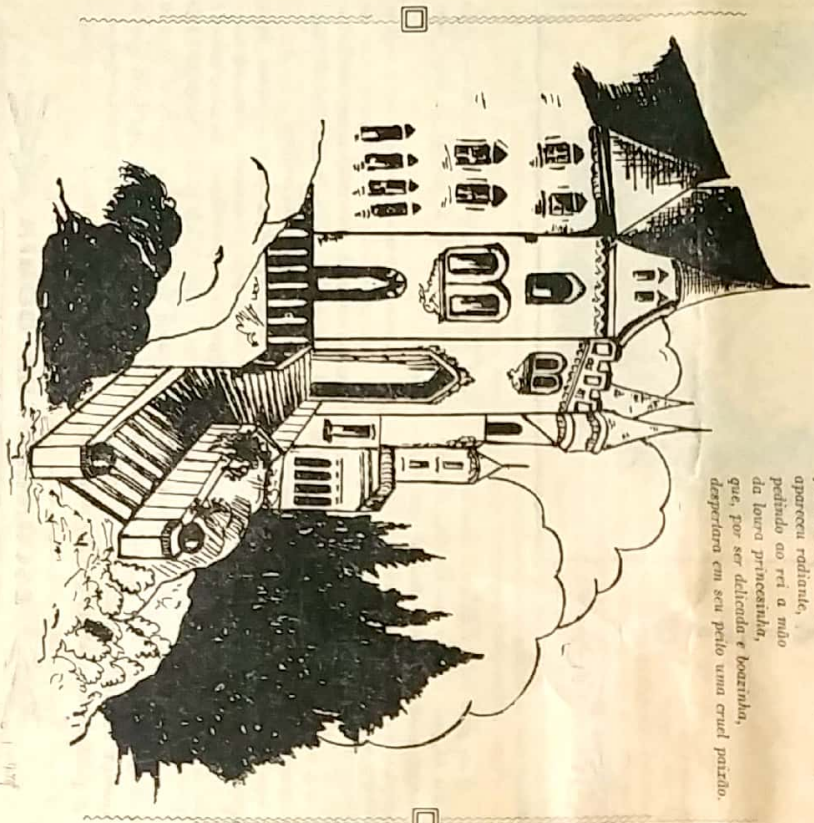
C. H. ROCHA LIMA

Ilustração de Teurídice

Era uma loura e joem princesinha,
lão linda e boazinha,
como a filha da
de alguma poderosa e rica fada
dos contos infantis da Carochinha!

No palácio dourado, certa vez,
em nobre carruagem, coruscante
de pedrarias de lavor antigo,
um fidalgo marquês,

que do velho monarca outrora fora amigo,
apareceu radiante,
pedindo ao rei a mão
da loura princesinha,
que, por ser delicada e boazinha,
despertara em seu peito uma cruel paixão.



MODÉLO

JOSÉ OTICICA

Se queres que outros creiam, crê primeiro.
Faze-te bou novo e acende-a em ti.
Só lerdos gestos e aura de pioneiro?
Se tua alma for surto e frenesi.

Quem deseja arrastar, ao seu outeiro,
Tribus sem Deus, precisa ser Davíd,
Ter uma harpa, ter juntas de guerreiro,
Saber cantar e combater por si.

Se mais tu, mais alguém, mais punho rude,
O sem par, o sozinho, o último, o Herói,
O que põe no melhor toda a virtude.

Torna-te exemplar... o exemplo é que constrói!
Finge até que o teu sonho não te iluda
E que a tua amargura não te dói.

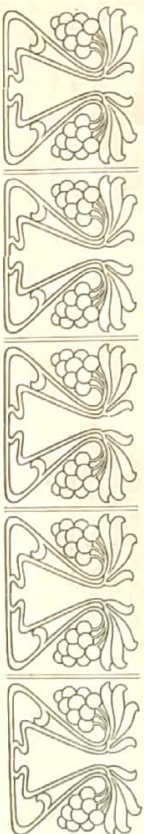
CONCLUSÃO

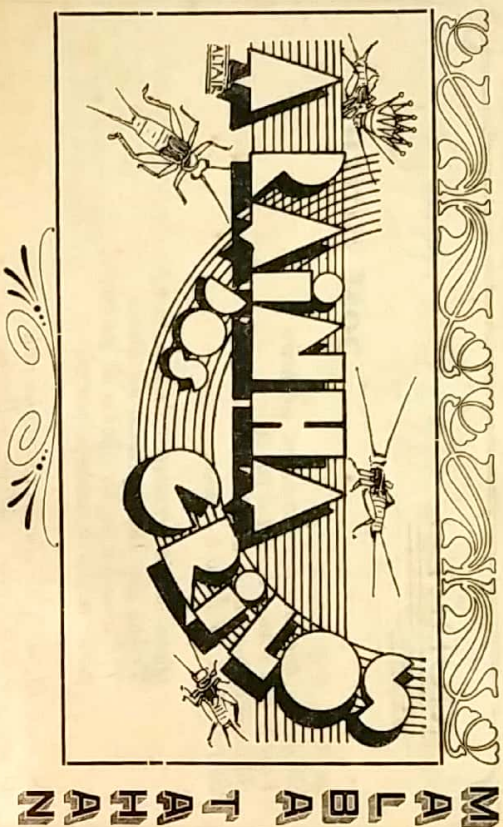
abandonando o fustoso e a realzão,
a nobre carruagem coruscante
de pedrarias e a toled riqueza
de um fidalgo marquês
— Casou-se com o poeta pobre e amantel
— Parece historia, não? Era uma vez...

Mas a loura princesinha,
(— Parece lenta até da Carochinha),
laura mudo, amara loucamente
a um moço carelheiro sonhador,
que lhe cantava, á noite, apertazonadamente,
os misterios dulcissimos do amor,
em versos de mais para tinspingão,
da lua ao frouzo e pdido clarão.
Ao marquês covarducho, feio e velho,
que só tinha a ritlude de ser rico
e poder comprar tudo a passo de melão,
a joem preferiu o coração vernueho
do poeta que a paixão cantava
em sonludas estrofas de coral!

Parece lenta, até, da carochinha?
Mas foi fato real...
A lirtca princesa, certa vez.

Pois olhe, meu amor, sonhei que a princesinha
era tocel!
E que tocel
Fizera tudo o que a lourinha fez!
Quando acordas, porém, eu me lembrei
Sonho... lenda infantil da Carochinha...
E sempre nocturno... Era uma vez...





O cheique Madian, de Damasco, conservava em seu luxuoso palácio uma pequena caixa de cristal dentro da qual colocara um insecto monstroso, de cor cinzenta escura e com um par de asas listradas. Julgarei, a principio, tratar-se de algum exemplar raro de uma especie de galanhos gigantescos, originarios da Abyssinia.

— Não é galanhoto — explicou-me o cheique — é um grilo, um dos terríveis grilos do deserto. Da já ouvira, realmente, dos viajantes que percorrem o extremo occidente da Arabia, casos e episodios interessantes que occorrem nas regiões infestadas pelos "el-mofir" — demóniaco, que os beduinos dão aos grilos que, aos milhões, nos areais intridaveis que conformam o Mar Vermelho. Não deixei, portanto, de observar com viva curiosidade o *el-mofir* precioso no seu rico túmulo de cristal.

— Esse grilo — disse-me o cheique — foi adquirido por mim pela quantia de duas libras.

— Ditas horas por um grilo! — exclamei — Não ha no mundo pedulário insensato e generoso capaz de justificar semelhante compra! Pagar ouro por um vil insecto que não passa, afinal, de uma pragã do deserto!

— Contemha o seu espanto, meu amigo — retorquiu o rico Madian — Vou contar-lhe a origem singular desse grilo, e encontrará talvez na minha narrativa motivos para allertar o seu julgamento a meu respeito.

Levou-me o cheique para um canto do salão e ali nos sentamos comodamente sobre grandes almofadas de seda. Um criado trouxe-nos uma bandeja recheada, doces finos e refrescos.

O cheique, depois de acender, com exageradas demonstrações de cuidado, o seu "narguile" de prata, começou:

— Trabalhava eu, nesse tempo, num pequeno barco, o "Remorso", que fazia o cruzeiro do Mar Vermelho. O nosso comandante era um turco violento, autoritário, cheio de manias e perverso. Os homens detestavam-no, e eu, confesso, mal o podia tolerar.

Porões, certa vez, contrariados para conduzir uma partida de escravos apinhados no interior da Africa. A empresa era perigosa porque não só o governo italiano, como tambem o sultão da Turquia, exerciam severa fiscalização, contra esse torpe commercio de escravos. Constatista a nossa tarefa em aproximar o navio da praia, em um recanto discreto, e aguardar ali a caravana dos negreiros. O embarque era feito, aproveitando-se a escuridão da noite e os inelizes escravos atirados, sem piedade, nos porões do navio. Havia escravos que atravessavam o mar sem que tivessem occasiao de ver, ao menos, a cor das aguas. Na primeira noite que permanecemos no nosso refugio aguardando os traficantes e contrahandistas, fomos atormentados pelo ruido que faziam, em terra, os grilos da Arabia. Foi para nós uma indesejavel surpresa, pois, até então, não tinhamos noticia diquaça orquestra noturna que vinha quebrar o silencio do deserto. Os grilos faziam, na verdade, um barulho ensurdecedor.

O nosso comandante exasperou-se. Não podia dormir. Pensou, a principio, em afastar o navio da praia e só não o fez pelo receio de ser surpreendido por alguma canhoneira italiana.

Vinno-lo, nessa noite, andar como um louco, de um lado para outro, pelo convex, praguejando de mil formas. A cena repetiu-se, ainda, na noite seguinte. Alguns embarcaçoes mostravam-se apressados com o caso, e da exclamação do comandante sahiram todos os homens as consequências. Os

(Continua na pag. 21)

HORA ROSADA

ALBERTO HECKSHER

No fundo azul-rosado da paisagem,
O sol se vai num rubro adens do mundo
E o pensamento entrega-se á viagem
De um rosco sonho, errante, vagabundo

Todas as cousas leem na sua imagem
Contornos rubros... Um pesar profundo
Entra-nos a alvor, numa atroz mitragem,
Nos inundando o ser até o mais fundo!

Horizontal, se avista ao longe um lago
A brisa sopra suave e sem ruido.
E em tudo existe um colorido vago!

Não sei que mal estar prende-se á gente
E em tal momento triste e colorido
E' tudo estorvo e tudo é diferente!

MORTE

HUGO KAMMSLETZER

Já pingam longe o bronze! oh, deita que ela venha
Com os agourellos sons do compatidrio expulso
Quem vive como eu vivo o outono sem que tenha
Nem mesmo asprunções, nem mesmo ideais instalsos.

Quando a espectral visão da morte se desenhã
Não estremece curvindo os passos sem contulsos,
Lhe ouvindo o rouquejar fatal da voz rouquenha
E lhe sentindo as mãos tonat-lo pelos pulsos...

Mas oh! não choras mais no instante da partida
Ao veres tao de perto o fim da minha sorte
Ao veres negregando a estrada indifinida

Para onde ela porventura as abans nos transporta
Pois este altovo tri com que me us em vida
E'o mesmo rir mordaz com que eu afronto a morte!

Corfígio

Antonio de Padua

Ruído atison a coberta, piteureando, enquanto a mulher já sentada na cama, vestia, o casaco de lã, todo remendado.

— Mundico já foi, Briges?

— Já.

Ruíno encaminhou-se para a saleta e esganecou a janella.

Um sol frangissimo lambia preguiçosamente os paredes roídas do amontoado de casbrns.

As chaminés pitiavam jocosamente em rulas baixas.

Descerravam-se as primeiras portinholas. Vinha até fora um bafo gostoso de café e, alguma vez, um choro imperceptível de criança.

Enfumaçava-se o ar.

O cortiço amanhecia.

O gnrto appareu á porta do casebre. Olhou o céu muito claro e esfregou aborrecido, com as mãosinhas fechadas, os olhos empapucados.

Receitou-se no umbral, somolento ainda, e ficou-se a mirar o capuzal.

— "Mundico. O' Mundico! Vá lavar essa carru."

O gnrto queudou-se ainda um momento e depois correu para a beira do tanque. Esticou as pernas curtas e, debrucando-se sofragamente, começou a espaldanar com os dedos a agua espumurada.

D. Briges veio até a janella soprar o ferro.

— "Quando acabar, Mundico, traz esse monte de camisis."

Ella foi para a cozinha ver o café.

Ruíno curvava-se sobre a mesa, mergulhando os dedos grossos pelo cabelo russo e embarrucado.

Todo dia ali ficava, distraindo os olhos perdidos como se nada olhassem.

Desempregara-se, havia um ano, e lá fora morar no cortiço.

Como o entravecera aquela mudançal A outra casa era tão boa; tinha duas janellas e um banco no canto do jardim.

Todos embriavavam com aquelle banco. Lambra-se ainda do tombo que a Enlita, sua irmã, levava. Riram tanto naquella dia.

Depois a vizinhanga; o dr. Nelson que morava no 38. Homem bondoso! Todas as tardes, ao voltar, dava um saco de bulas ao Mundico.

Estavam tão acostumados que até a Briges, pela Avó-Marta, penteava o Mundico e, empurrando-o para o portão, recomendava-lhe:

— "Não se esqueça, hein. Como é?"

— "Báa tarde, dr. Nelson. Como vai d. Ester? Vai bem?"

Uma vez, foram ao teatro no Piedade. Que peça engrugada! Nunca mais esqueci aquella cena do botiquim.

Pena é que não tivesse encontrado nenhum conhecido. Sim, agora se lembrava. Estava lá o Pedro Corréa, dono do Agonigue Esperança. Aborrecera-se um pouco. Aquelle sujeito, de lá muito, olhava, olhava muito mesmo, para Briges.

Tivera, ás vezes, secretamente, impetos de sair para a rua, armado; esbofetear publicamente aquelle seu vergonha e voltar como um herói.

PALPITES E CEREBRINOS

GIBSON LESSA

De chumbo não se fazem joias

"Faze da vida uma obra de arte" — aconsellou não sei quem. Conselho irrealizavel! Divido que haja na terra um artifice capaz de realizar uma obra de arte com material tão ordinário.

...

No trampolim do mundo

O homem emerge da vida para logo adiante submergir na Morte. Em linguagem esportiva: — a Vida, no trampolim do Mundo, é um salto seguido de um mergulho.

...

Artista introlendário

Ser pai de uma mulher bela é ter sido artista inconscientemente.

...

O Provérgo da arte

De todas as belezas-rites, para mim, a mais bela é o belo corpo de uma mulher bela.

...

Da fôrma a mecha

A inveja, no amor, troca de sexo e de nome — é Cume.

...

Canções

Monogamia é virgindade.
Bigamia é ascetismo.
Poligamia é abstinencia.
Miriogamia está sim! O miriogamo é o antigo homem que não convergou o sexo.

...

O ilho que Deus não disse

Disse Deus: "dai de comer a quem tem fome e dai de beber a quem tem sede."

"Tivesse elle, tambem, dito: "dai de amar a quem está infelizo" e, talvez, não se dessem tantas calamidades na terra.

...

Perdulozo? Não! Não! Não!

A moral humana, perante a beleza, é a mais imoral das immoralidades.

...

Ritmica

A poesia é a música do cérebro. A música é a poesia do coração.

...

Plástica

O escultor é o poeta do corpo. O poeta é o escultor da alma.

...

Estética

Só ha dois destinos dignos para a mulher que é feia: — ou o claustro ou a covina.

...

Moditas

O homem se meche pelo talento. A mulher se meche pela beleza.
Homem boçal não é homem, é simulo. Mulher feia não é mulher, é coisa.

...

Amor e Lua

O amor é como a lua — tem suas fases: nasce, cresce, esplende e minguam.

...

Deus — Diabo — Humanidade

Ha quem creia em Deus e no Diabo. Ha quem não creia nem em Deus nem no Diabo. Ha quem creia em Deus, sem crer no Diabo.

(Consulte na pag. 27)

SAPATINHO AZUL

SILVIO ELIA

Conheci-o num enterro. Foi o meu par num "buick" passado, que um "cheatleur" esquivado dirigia.

Durante toda a viagem Sapatinho Azul esteve irrequieto, rogando quase sempre no meu delatado D. N. B.

Muita vez reminei o pézinho que éte defendida e, fazendo trajeto pela perna bem torreada, vim ter nos grandes olhos negros de sua dona, que nadavam em lagrimas... Lagrimas! Gotinhas sagradas que contrariam a saudade! E a saudade é tão amarga! E Sapatinho Azul tão moço! tão boni!

Mas logo eu voltava o pensamento para o Martins que perdera a vida terrona e ganhara a vida eterna. Feliz homem!

Que no gozo das venturas supremas se lembre da gente a vegetar tel em baixo! E não se esquega também d'esse Sapatinho Azul que chora precos sentidas á beira do seu tumulto; que murmura adenses solitantes e llic junta o fito murtore de saudosas violetas.

• • •

E eu cada vez mais me cristiseo, porque Sapatinho Azul parece tão triste, tão triste!

A segunda vez que o vi foi num baile. Cumprimente-o risinho. Recebi um cumprimento mais risinho ainda.

Aproxime-me. Sentilhe o perfume tépido de moça de aromas orientais.

— Como se chama?

Sorri. Mlle. Sorriso. Chegue-me a éla. Precisa-vya dizer-lhe qualquer coisa e murmure-lhe quase ao ouvido:

— E extranho! Porque usa sempre sapatinhos azuis?

A orquestra vomitou um fox miseravel.

— Dança? Inquiri.

— Não posso... com o senhor.

E atistou-se rodopiando nos bruyos atrevidos de um bigodinho importuno.

Fui para a janella. Não quis dançar. E fiz o que todo enamorado faria: pês-me a contemplar a lua.

Eterna confidentel!

Para os astrônomos, os insupportaveis homens de ciência es ridículo satellite deslocado desta miseranda terra. Para mim, para todos os que vivem do comércio, es um pouquinho mais, muito mais! Um sonho de valses espalhou-se pelo feérico salão.

Desistiram os pares chifrentes, estontando-se em apaixonadas voltas. E Sapatinho Azul? Vejo que não valsa... Começo a procurá-lo por todo o salão. Pesquizeo as janellas. Deço no jardim...

— Perdeu a sua Colômbina?

— Volvi-me. Era éla.

— Perdeu, sim, mas tornei a achá-la.

— Oh! Parabéns! Mas onde está?

— Bem junto a mim.

Sapatinho Azul sorriu triste. Baixou a cabeça e, com a pontinha do sapato, escreveu qualquer coisa na areia. Mas espalhou tudo logo. Depois olhou-me com aquêles olhos grandes que eu vira nadando em lagrimas. E riu-se muito.

— Sentese, "sen" moço galanteador.

Sente-me. Havia no ambiente um perfume doce de cravos. Uma fonte murmurava ao longe...

De repente, uma borboleta azul veio pousar no obelisco de folhagem. Sapatinho Azul fitou-a longa, longamente.

— Sapatinho Azul, eu gosto de você!

E, sem querer, estalei-lhe nas faces um prolongado beijo azul.

• • •

A terceira vez que o vi foi num igreja. Sapatinho Azul estava toda de branco. Tinha um véu de gaze, comprido, tão comprido que seis bonequinhas tinham de segurá-lo. Chingim-lhe os cabelos cor da noite as florinhas de laranja-rosa.

Uma noite escura, sem luar, sem estrelas.

Eu era o padrinho do casamento.

Sentia-se o odor suave de lírios e de corações virgens.

Eu seguita toda a cena dolorosa para mim, entre suspiros sinceros e sorrisos hipócritas. Via, satisfeita, murmurar um *amen*, nuro de invoz anteposto aos meus desejos. Via sair, feliz, nos braços apaixonados de quem soube amá-la.

Que tristeza! Sapatinho Azul casou-se!

No dia seguinte, estremunhado, melancólico, acordei cedo. E' que batiam á porta. Rosnando imprecações, abri-a. Era o correio. Trazi-me um embrulho cor de rosa, trespalhando a essencias finas.

Abri-o curioso. Cufu-me aos pés um par de sapatinhos azuis. E, no fundo da caixa, um baltho lutho azul dizia torturante:

"Amaste-os, casste-com eles".

INGENUA

PEDRO BLOCH

A terra eslava com um borrio enorme de luz. O vento vinha arrastando umas nuvenzinhas nevossas e qual mala-borrão vinha desfazendo aquêla infirma mancha luminosa.

O habito faz o monge...

Ha pouco, vestidinho de luz, o tempo eslava radiante e o sol, bochechudo.

Coberto de negros mantos, começou a ficar neurasistado.

Veio o seu velho ataque de asma.

E desistiu a tossir trovoadas.

A natureza cá em baixo é que estava gozando. Passou a mão pela testa suadinha, aguardando um alívio de chuva.

Uma arvorezinha neurítica amarejava.

— Ah! Eu morri!

E a chuva veio caindo inclinada.

E o vento passava molhado.

O céu, escuro, com uma porção de navios pendurados.

Quando o transatlantico arroucou, os olhos de Conchita, negros como a desgraca, caíram em cima da cidade feiosa onde imperava o tempo asnuado e lactinajante.

— Que cidade bonital! — murmurou.

Despençou-se da escada abaixo num acesso de ondulações, abanhou o guarda chuva soltando um grruhio contra o tempo.

— O Instituto Meteorológico telegrafára que...

— Quem mandou "ustiel" acreditar no Instituto Meteorológico? ... esperneou éle, tentando acender o seu isaqueiro de relampagos.

O taxi vinha galhoando as ruas.

Avenida Berra-Mar Flamingo... Botafogo... Copacabana... Lido... Casino... Le-

blon... Que cidade maravilhosa!

(Tinha nahua um lindo dia de sol.)

Que surpresa para Matrosito! ... Que surpresa!

Ir trazer-lhe ao atelier, seus beijos e as recordações doces de Madrid.

Bejava numa taquicardia meconha. Subiu as escadas recomendando aos sapatinhos que não fizessem barulho...

Prezado leitor. O melhor que você tem a fazer é ficar esperando no taxi enquanto dou um pulo lá em cima para ver o que succedeu.

Se eu fosse um amador de situacionismo faria Conchita encontrar Mario com outra mulher.

Se eu fizesse realismo o quadro ainda seria mais exagerado.

Se escrevesse romances policiais, Mario estaria atirado para trás de uma poltrona com o cráneo atravessado por um balaco, tendo já enviado um telegrama de congratulações ao Padre Eterno.

Se dirigisse filmes, Mario cantaria uma canção dolente fazendo deslilar as reminiscencias da capital espanhola, enquanto Conchita dos "ojos negros" acariciasse os degrus da escada.

Mas isto vai á minha moda mesmo.

Enfiado no divan raquítico, dentro de um robe de chambre com as cores da lutho, atirona uma haloranda de fumo neta desenhando mentalmente o quadro com que iria controrrer ao Salto.

Conchita roçou a porta com os dedos e o pitoto, com o coração ansioso.

— Ma... n... o... si... to...

— Da... do... do... sol... do...

Começou acusando os ouvidos de impericia.

Que surpresa para Matrosito!

Mas a docura vinha chegando em ondas sonoras que atravessavam a fechadura e vinham balthar nos seus ouvidos.

— Ma... n... o... si... to...

— Não. Desta vez era mesmo!

Ela entrou.

Ele conservou-se sertrado, ainda confuso.

— Por que viste, Conchita?

Ela abru muito os olhos tristes.

— Pensei que...

— Mas isto é uma loucura! ... deixars teu teatro em...

— Matrosito...

— Cala-te!

— Loucura, sim... Ora você que a nossa situação iria prolongar-se indefinidamente?

— Si, Matrosito.

— E uma lagrima parou indelusa.

— Você deve considerar que eu sou um grande artista.

JURUBEA

(BREVE ESTUDO SOBRE SUA VIDA E SUA MORTE.)

De fato tinha talento. Difícil era localizá-lo dentro das varias manifestações intelectuais. Ausentando-se os produtos das deztozo funções simples do cérebro, não encontramos um qualificado.

Poeta? Os versos requintados, que conseguia produzir, desilustram qualquer folheto de propaganda de um Rubinal nacionalizado.

Músico? Seus manifestações musicais nunca foram além do assovio.

Filósofo? Seus pensamentos escritos no verso de um calendário faziam desdecorar os alcausos rubros dos domingos e feriados.

Pintor? Nenhum caluzga tracava.

No entanto elle tinha talento. Como defeito, elle trazia a consciencia demasido forte dum valor que não possuia. Queria ser genio e julgava-se-lo. Uma especie de Furlan de Ghison Lessa. Jurubeba, porém, não se satisfaria com João Ribeiro, para proclamar-lhe os méritos. Queria que Sainte-Beuve e Silvio Romero, de braço dado, um no Brasil, outro fora dele, ambos dentro desse mundo, viessem, ressurcindo as palavras divinas de sua obra, comprimentá-lo e apresentar ao mundo o valor extraordinário de seu talento.

Mas a voz das trombetas da sua popularidade pessoal nem sequer estremeram as pedras tumultares dos dois grandes homens. Seus célebros não se reconstituiram. Jurubeba, então, furtivos nos laboratórios da imaginação, com resortes de sonhos e tubos de ensaio do ideal E avurçou mais. Foi á antiguidade clássica, formou todos os genios por altura, anexo, á rearguarda, os talentozinhos que vinha encontrando pelo caminho. Fellos desfilam diante do seu cranio privilegiado e esperou que viessem proclamar-lhe vassalagem.

Homero, Platão, Aristóteles, o grande, Sáo, Pinturo, Eschylo, Sofocles, Diogenes, Apelles, Praxitides, Virgilio, Cicero, Demosthenes, Marco Aurelio fez um "reconhecimento" pelo Oriente e sorteu Confucio e Budá. Desceu cronologicamente e enfileiro Augusto Comte no lado de Aristóteles, encheu os claros das fileiras com Hecel, Newton, Lamark, Calamús, Pasteur.

O seu fraco porém era a antiguidade clássica. Ah! se elle pudesse ter sido grego ou romano no século de Pericles ou no de Augusto! Acreditava mesmo que ficaria atrevido de saíto curto, por nas de fora e fita na testa, deilhando a lira, nos católicos e talvez mesmo no Atenou.

Para comprovar a monstruosidade de seu genio, fabricava fargas na imaginação. Esperava que, tal como a Goethe, cientistas viessem visitá-lo, munidos de compasso, fita métrica, esquadro, para medir-lhe a bossa. Passava, embevecido, a mão pela testa, rosando as protuberancias que apontavam no frontal. Cranio soberbol pensava.

Como "afetividade sentimental-romantica", segundo sua própria classificação, possuia um amor "alco mistico e inaterial, bem longe das vistas dos genios, próximo da pereophitidade dos idiotas." A sua eleição não era Bela. Interessava-lhe "o espirito bem formado, a sensibilidade feminina de uma alma pura, que talvez sorrisse para a sua."

No collegio onde estudavam, ambos conquistaram fama; ella, na aula, com a intelligencia e o trabalho, elle, "extra-sala," com divergences poeticas, criticas romancesas, de infima especie. O mais interessante é que ella nunca soubera de tais paixões. Nem saberia talvez, porque agora Jurubeba é morto. Morreu sem ter deixado vestigio desse amor, sem ter-lhe provocado sequer légrimas de compaixão. Isto porém, "era nota topica sentimental," que acceitava, como illustração da vida.

Todo esforço da sua existencia resumiu-se em querer se revelar genio. Daí a serie de excentricidades que lhe adornavam a bizarría da vida. Desprezava o corpo e rejeitava o espirito com verdadeira vaidade feminina.

Porisso notava-se-lhe o ar arcaico que ostentava e o espirito admiravel que possuia. Era um transmontano, no vestir, e um grego, no pensamento.

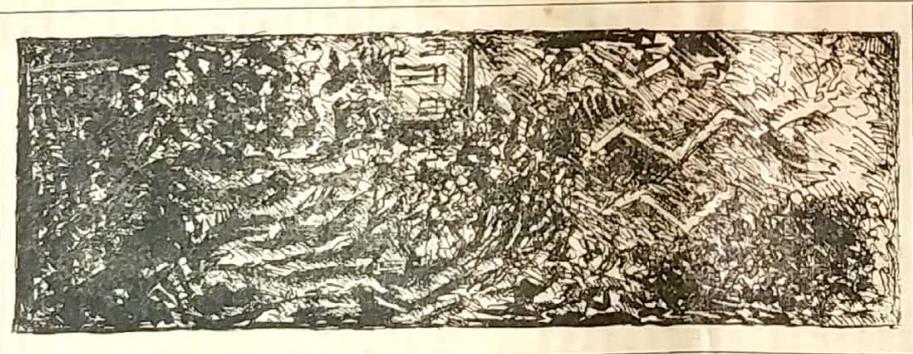
Procurava reviver as pompas intellectuais da antiga Grecia e fiar no século, como um Pericles. Morreu, porém, antes de ver esboçado o ideal que alimentava.

ABERRAÇÕES

Illustração de ALTAIR

SERGIO FRAZÃO V

Quando ella nasceu, a natureza escultava uma sinfonia paiz.
Arvores que gemem á pressão de ventos, joguinhás feridas pelos raios, bambós que vergam até o chão. Trovejar longinquo de trovões que somelham soluços dos deuses.
Saudação hiebrna no abanatesma humano que nasciu, ventos que assoviando atremedam clarins, trovões que salvam em tiros naturais.



O lessosombró, a furia, os espasmos que se succediam lá fora, no espaço, no ar, no céu enegrecido, não impressionavam mais naquele quarto alazernado do que a fealdade da criança recém-nascida.

Era medonhamente feia, era um monstro, um abanatesma, aberração nova de uma especie, corruptela de corpo humano, copia deturpada de mulher.

Até aquella senhora vestida de branco matuldo, que pisava de leve e falava pouco, não sopitou uma exclamação:

— Meu Deus! Que monstro!

E por meio século ella ouviu mil e uma vezes as mesmas palavras: exclamação de espanto, que brotava espontaneamente.

Elogios ella desconheceu, as cortesias de saúdo não cabiam aquella mulher com a fealdade conu-gada das três Parras, nem se podia fazer um louvor, mesmo represso do bondade aquelle rosto, amontoamento grotesco de feições humanas.

Nascesse na antiga Esparta e, mesmo mulher, não a deixariam viver.

Perdida a Heliade uma intelligencia invulgar, mas não manoharia a critica admiravel dos Gregos aquella aberração viva de uma especie, que comportava uma raça fisicamente perfeita.

Sua vida fora uma odissea; um rosário de amarguras delencos de légrimas.

Aos dois anos, manohavam-lhe já o rosto sarfado precoces e pixava por uma das pernas. Sua amiga de infancia foi a filha da cozinheira da casa, que um dia lhe deu uma bruxa de pano sujo para brincar.

E foi este o seu único brinquedo.

Aos dez anos, deram-lhe, por ironia, um espelho, e seus olhos estrabicos marejaram-se de légrimas, compreendendo já sua inarredíavel fealdade.

Passou a juventude atirada para um lado, escuraçada pelos rapazes vadios das esquinas, sem já mais ter ouvido de labios masculinos palavras de carinho, de amor, de sinceridade e simpatia.

E, na primavera da vida, o abanatesma humano elorou.

Vorreu as légrimas mais tristes que já mais transbordaram de um coração de mulher, que de mulher só tem o sexo.

Buscou na intelligencia o bálsamo perfumado que lhe curasse a dor de ser feia, de ser espartilhado, de ser monstro com formas humanas.

IMPRESSÕES

FERMILDO VIANA

De tempos para cá se vem passando uma verdadeira transformação mundial. É verdade que esta transformação desde alguns anos desenvolve sua ação, desferindo setas contra os mais agerrios conservadores.

Ha jovens e ancios coloados á frente da campanha, contrariando os que declaram a falencia da ciência.

Alargando a geryção nova, que se debate contra o arcaismo mais agonizante e horrivel, temos encontrado, com outros colegas, mestres já de certa idade, expando ideias outrora perigosas. Os modernos, porém, titubeam em apreciar detalhadamente as teorias e por isto procuramos diariamente tirar as nossas conclusões, applicando-as a fatos concretos. Divergimos muitas vezes dos mestres, como no caso fari todo moderno, porque muitos d'elles difficilam as exposições, afim de obtermem a affirmação de alguns mandares: "este sabe".

É o obscurismo já como preciosidade. Oscuro era símbolo de cultura. Mas hoje. Com franqueza, os que o praticam nada mais são que manhuos. Afranio Peixoto descreve-os tão bem com preciosidades literarias

A pesar do número elevado das que renovam a cultura, ha algumas pessoas que se arrastam aos antepassados, deixando passar sem admiração a época em que vivem. Retardatários.

Isto se passa em todas as partes do mundo, onde muitos preferem fingir-se, transformando as ideias modernas, assimilando-as artificialmente ás antigas já decrépitas.

Aqui no Brasil, porém, parece que a cultura chega atrasada a vitros centros. Nem se negue que que na própria Europa, não existam retardados. Não ha até a originalidade provada pelo arcaismo?

As Universidades retardam a marcha cultural, quando deveriam ser o contrario. São mesmo intoleravens os retardamentos que se processam nelas, justamente na época do cinema, do radio, da electricidade, da maquina, etc. As Universidades constituem, não raro, um impasse á civilização, porque não é com frases bonitas e decoradas, que se governa e administra um país, que se cuida de um enfermo, que se impetra um *habeas-corpus*, que se constrói uma estrada. Também gosto de frases bonitas mas para uso particular e nas horas vagas. Frases bonitas não constituem litteratura. São tapapeços, como se diz na França.

Realizam-se aquellas causas com egção, á qual não deve faltar a teoria. Somos originais, não? Mas sómente aos antiquados igparecemos assim.

REFLEXÕES E COMENTÁRIOS

ALZIRO ZARUR

O livro didático pôde ser comparado a uma localidade com vitrias russas. Um sujeito quer ir a um tal lugar. Se não conhece a localidade, é claro, se perdêr pelas ruas, horas e horas, até que, enfim, o encontre. No entanto, se algum que conhece o lugarlo guiar o sujeito, este chegará rapidamente, sem perder seu tempo caro.

Tambem é simples: um aluno, diante de um livro didático, deseja saber a matéria, isto é, precisa chegar a um certo ponto. Está, portanto, em frente a muitas ruas que não conhece: os pontos em que o livro se divide. Se o professor não for cretino, compreenderá que não está mais na época da palmaratória e da escurvidão, sabe que o estudante tem muito que fazer, e logo o guiará.

Vai por aqui, entra ali, dobra acollá. E pronto.

Se o aluno for algum papa-queiro, não terá vontade de caminhar um pouco. E é caso perdido: — *Was Hinwärts nicht geht, hat, leant Hans nicht mehr*. Entretanto, se for esforçado e intelligente, irá com a mais facil das facilidades. Dizia o Conselheiro Azevedo que o peor cego é aquelle que não quer ver.

Infortunadamente, nem sempre o guia é esclarecido e honesto. Embora o governo lhe pague o trabalho, que muita vez é nenhuma, preferêrêr que o aluno vá por si, ás calçadas, até encontrar o termo. Professores assim, casos teratológicos no magistério, sofrem, pelo menos de tenismo. Não podem ver ninguém feliz.

Um mineiro vein da terra, chegou aqui com fome bruta, e tratou de sociá-la. Viu um pastel colossal, mais gorlo que o Schmidt, e imaginou mil delicias: quanta beizeza não havia, lá dentro? Encheu-se-lhe a boca de saliva, e a lingua estava que fazia gosto!

Compreu o mostroengo. Mas, á primeira dentada, que decepção! O bichão se rendeu, mostrando, no fundo, apenas, uma pitada de carne — o pastel estava cheio de ar.

Interessante: a gente, ás vezes, olha um livro, atira-se a ele com furor, prevenido coisas boas. No entanto, só há vento e nada mais.

E quanta gente, assim, não é como o pastel?

Quando se quer construir uma casa, do projeto se passa á planta, e desta planta ao trabalho. Assim, com facilidade se levantará o edificio. Depois, é só pintar, decorar, enchê-lo de mobiliis e passas.

Um escritor que ame a perfeição, preferirá, no invés de um barraco, construir um palacete. Desde modo, concebida a idea, dela passará ao aratougo da sua obra, dividirá bem as cenas, disporá bem os assunios, e depois mãos ao trabalho! Terminado este, procurará fechar os buracos, escominar suas lacunas. Pintará bem as paredes, decorará tudo direito, fará coisa apreciavel. As personagens ali se moverão, mas de modo a não chatear os visitantes, que são — nada mais, nada menos — os leitores.

Alguns "genios" geniosos não pensam assim. Dispensam: o raciocinio, a concentração, o racenho. Sãr tudo em explosões. Resultado: fabricam passates mais gordos que o Schmidt, com pitadas de "batatas" lá no fundo.

O critico literario José Officina, em palestra na Radio Sociedade, exultou "Produção" de Zuleika Lantz. Aqueou-me a curiosidade, e fui verificar.

De fato, sente-se que é um livro de uma menina que pensa, que sente, e que analisa. Há, é verdade, produções que denunciam a pouca idade da poetisa. Mas, em compensação, quanto vigor nesses poemas, quanta análise sutil, que elegancia de expressão!

Zuleika Lantz vive a vida na sua realidade, o enquanto as moças de hoje se arrastam á leitura catalogica de verdadeiros narroticos — género Dally, Ardel e tantos outros — ela compreende a existencia nas suas multiplas facetas, e produz sonetos como "O meio de viver".

É um belo soneto, e é lamentavel que haja nêlo pobreza de rimas. Crições estupendas há nesse hirtinho!

Sem dúvida, essa menina é uma esperanga brasileira. Como Zuleika Lantz, contam-se pelos deltos as moças do Brasil. Todas, geralmente se envanecam com expericias lambuzas intriguaveis, escritas em saxco estilo, traduzidas em bário portuugês, e em quinze linhas cometem quinze erros.

A litteratura feminina, entre nós, é um problema de resolução difficil. Domina o género das futulhades amorosas, das histórias gistas de tanto repetidas, essas bestieiras furadamente revoltantes que já entopem o mercado.

Mal sem do curso primário, as meninas lêem esses tolices, formam o espirito num ambiente de maequação, e põem-se a sonhar com principios de sangue azul, verde e cor-de-burro quando foge...

PARANAGUÁ E CURITIBA NA HISTORIA

Caillon
Cimbra

O sr. Caillon Cimbra, candidatando-se á Academia de Historia, deste Collegio, apresentou um trabalho, sob a epigrapha acima, trabalho que consisti uma obra de fino eular litterario e que denota profunda critica historica. No desejo de dar aos nossos leitores uma idea, embora ligera, de tal trabalho, que, lido em sessão, mereceu dos acadêmicos sinceros applausos, publicamos uns trechos, lamentando a impossibilidade de publicar, na integra, a tese, visto que da occuparia quase toda a revista. Assim, aqui não alguns extractos, com a devida autorização da Academia.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Quando se espalhou na Europa a noticia do grande feito de Cabral, inúmeros aventureiros e exploradores demandaram logo ás novas paragens descobertas do Novo Mundo, uns, imbuídos apenas da curiosidade e da ambição que o ignoto despertava, outros, formando expedições colonizadoras e de reconhecimento, a serviço de el-rei.

Cumprir dizer, no entanto, que a mensagem levada por Gaspar de Lemos a Portugal, dando a nota alvitreira da descoberta, não fôra motivo de grande sorpresa para os lusitanos — sinal evidente de que já se contava com o exito da expedição cabraliana, ou seja, — havia a intencionalidade no desdobramento. Outra causa provavel, tambem, da indifference que deixaram transparecer, ao ter noticias da Nova Terra, foi o entusiasmo daquella geração pelo commercio nas Indias, eacerto avultado que abentava em sonhos auroas de riqueza a esperança, o desejo e a ambição da grande rica lusitana.

D Manoel, porém, desde logo, comprehendê a necessidade que havia de uma acção consolidadora, a favor dos seus novos domínios, cuja extensão era ignorada — e deveria ser notavel — e onde os mananciaes preciosos da fortuna bem poderiam dormir ocultos no seio da terra ainda virgem.

Para inquirir disto, el-rei fez parecer o velame sobeijo das suas naues, nuno a Santa Cruz, levando estas no bojo baloizante a incumbencia do reconhecimento da colonização, de novas descobertas, de defesa, etc., missões de que se faziam responsáveis fiéis soldados da patria portugueza.

E eis que surgindo as vastidões marinhas, partiram, para o cruzetio, as primeiras expedições.

HISTORIA DO PARANÁ

Os primeiros colonos, chegados uns de Cananua, vindos outros de S. Vicente, cheios de cautela, com muitas precauções, com excessiva prudencia, foram invadidos pela magestosa baia e dentro, precebidados pelo sol adalsto que brilha em Paranaguá, aos poucos foram saltando a opaia sinuissima de suas aguas.

Quando, porém, tomaram tento da placidez, que os indios demonstravam, valeram-se de disposições melhores, e accentuaram a entrada no continente, aí formando as bases de uma geração, que no futuro daria incremento á vila e depois cidade de Paranaguá.

A baia — salpicada de ilhas, encaldas, angras e igarapés — fazia de si uma situação privilegiada, oferecendo ensijos magníficos de locomoção, facilidã e isentia de quaisquer portegos.

Desistando pela salira atlantico do mar, vinha-se em canoas, ancorar as pliegas formosas da lãnda Paranaguá.

E, com a vinda desses exploradores e aventureiros, começa o povoamento, embora só de meados do seculo XVI em diante se inicie a fixação definitiva de colonos naquellas paragens.

PARANAGUÁ E CURITIBA NA HISTORIA

Auxiliados, pois, pelo bravo forte do selvagem, foram-se aventurando os exploradores ao grande numero de rios que nas vizinhanças se escoavam docemente, entretendo os zimbórios vridos das grandes arvores desconhecidas, oriscando ao brilho do sol, reflectido, ao descaimbar da noite, no espelho das suas aguis, toda a inmensa gravitação dos astros do infinito. ; foram-se aventurando aos inúmeros pequenos riuichos, que no suave declivio das corredeiras murmuravam as temas melancolicas da sua música singela. ; foram, aventurando, sempre, a esse "raminhos que nadam," na esperança de topar com grandes cabedais preciosos.

VILA DE PARANAGUÁ

Paranaguá — a vila — está entre o mar e a grande faixa de montanhas que formam a Serra do Mar.

Como os bandeirantes do futuro, tiveram os colonos de alto desejo de desenvolver o desconhecido seio das grandes matas que ali perto e elevavam, confinando o seu conlorno azul com a bancurra difãna das nuvens.

PROVINCIA DO PARANÁ

Prinamente — ó céus, ouvi isto! — o proprio Governo imperial, coagido pela necessidade de vigilância e defesa das zonas ainda necessitadas, resolveu tomar a si o encargo de crear duas novas provincias: a do Amazonas, no extremo norte e a do Paraná, aqui no sul, "por decreto n.º 704 de 29 de Agosto de 1893, desmembrada da provincia de S. Paulo e comprehendendo quase toda a antiga comarca de Curitiba."

Curitiba, como Capital, ganhou distancia no progresso e tomou franca e definitivamente o passo á vanguarda, na civilização paranaense. De cinco mil cresceu para vinte e seis mil o número de seus habitantes, logo após o desmembramento. Hoje, conta para mais de 120 mil. Descrevê-la, na éra actual, seria contar os méritos de uma grande cidade moderna qualquer.

A historia, de parte renada, está enunciada.

A presente, achase-se á mostra de quem o queira, "o esse que o quisesse" não haveria de alegar arrependimentos. Tudo nella são encantos. E' de vê-la...

O mesmo diria de Paranaguá, mas a palavra *Alenas* qualifica todos os esplendores e nada preciso acrescentar.

E de Curitiba? O seu epíteto?

— E' a Cidade — Sorriso — disse alguém. Talvez, algum poeta... e acertou mesmo. Ela é a... Cidade — Sorriso do Brasil! E' e será sempre!

PÓRTICO CONCLUSÃO

fazer revisitas, quando ellas pululam por ai forem, detendo-nos, outros virto a contigora. E não fosse isso, de que serviria esse nuar-lhes a obra. Se um destes, para honrar este teu segundo lar, onde te encaminham prejuizo todo, se logo nos deixarão, para seguir a vida?"

— "Manto, és bastante jovem ainda, agora poderás fazer melhor, erguendo mais e para comprehender. Esta é a obra de mecos, mais a gloria tradicional desta Casa."

que quixeram honrar o collegio, em que receberam saber e se educaram, sob a direção zou os olhos e mirou com desconhecido interesse aquella modesta revisita, onde as midas professores. Ela representava o desejo de nascidas letras pareciam fazer-lhe acenos fazer obra digna e valiosa para pagar uma para que tas lesse com carinho e atengão. ; dianda, que é a divina de gratidão. E quando para que tas lesse com carinho e atengão. ;

SE ELA VOLTA...

HAMILTON ELIA

Se ela voltar tal como a tive outrora,
O olhar sereno, a cabedera ondulante,
Lembrando o tempo que ficou distante,
E' bem possivel que eu sorria agora.

E hei de esper-la pela vida afóra
Porque jámais pode esquecer o instante,
Em que partiu, meu pobre peito amante,
Meu pobre peito que ainda tanto chora.

Se da vier... Se ela voltar láio bela,
Como na quadra em que eras, singela,
Na quando doce que eu deixei atrás,

Heti de dizer-lhe que eu a adoro tanto...
Meu Deus!... Meu Deus!... Nada dirti, no entanto,
Porque bem sei que ela não volta mais.

TEUS OLHOS

CLARICE DO AMARAL

Teus olhos, meu amor, são dois poemas,
Dois poemas de luz em minha vida...
Teem a doçura de um crível dilema,
Teem o brilhar de uma ilusão fingida...

Teem o doce sabor dessa jurema,
Que entorcece de amor a prometta...
Foi nos teus olhos que entrei o tema
De tua louca e sem razão parida...

Teus olhos, meu querido, são poestas,
Que transformam láio doce as ignias
De uma paixão andaz de uma diva louca...

Teus olhos, meu amor, são ternos indos...
E eu sinto uma loucura de esmagados,
Sob a pressão crível da minha boca!

A Rainha dos Grilos

CONTINUAÇÃO

castiços eram frequentes e a menor falta era punida com extrema severidade.

Viajava no "Remorso", como ajudante de piloto, um aventureiro francês que, segundo eu ouvira dizer, havia desertado da Legião Estrangeira. Chamava-se Perry.

Era um tipo curioso, magro, alto, de olhos claros; pouco falava com os companheiros e tinha a mania de colecionar baratas do mar, borboletas e galanhotos.

Certa manhã, o Perry disse ao comandante que seria capaz de fazer calar os grilos. O turco divertiu-se.

— Não acreditava! — disse — Nem o demônio teria poder para exterminar aquella bichanada que enchia o deserto que se escondia na areia e sob as pedras.

— Pois eu sou capaz — tornou o ajudante de piloto.

— Aceitas uma aposta? — indagou irônico o comandante.

— Não hesito em aceitar qualquer aposta — replicou o jovem Perry.

Disse então o capitão:

— Dote-te cinco libras se realizares o milagre e se nada cumprires, perderás direito do teu salário durante quatro meses. Vale a aposta?

— Aceito! — respondeu o francês.

A tripulação, informada do desafio do comandante, ficou interessadíssima pelo resultado da aposta.

Ninguém acreditava que o francês fosse capaz de exterminar os grilos.

— Quer trabalhar quatro meses de graça! Que louco!

Durante o dia, tendo obtido o necessário sentimento, Perry foi á terra e afastou-se da praia, desaparecendo no deserto. Voltou fatigadíssimo, no cair da noite, trazendo sob o braço, numa especie de caixa feita de folhas, um grilo trizentlo enorme.

— Acabei com o canto dos "el-morfi" — disse — Esta noite dormirão todos socegados, livres do barulho.

Aguardaram ansiosos o pôr do Sol.

Coisas espantosas! Voto a noite e o silencio do deserto não foi perturbado. Não se ouvia o menor ruido.

— Esperei! Esperei! — gritava o capitão — Ainda é cedo! De repente éles começaram!

Mas não começaram e a noite passou deliciosamente silenciosa. O terrível comandante viu-se obrigado a pagar as cinco libras, prevo que elle próprio havia arbitrado para a aposta.

O caso foi motivo para uma serie indizível de comentários entre os murgos e contralmos.

Diziam uns que o francês era um feliciteiro e que conhecia magna magia negra! afirmavam outros que elle havia exterminado os grilos com um veneno poderoso que era espalhado no ar com uma fumaça.

— Simples fenomeno de suggestão — garantia um velho pescador de pérolas — Estãoos suggestivados e não ouvimos o barulho, certamente, que continha.

A explicação dada pelo francês era interessante. Contou-nos de que foi ao deserto e que depois de laboriosas pesquisas, logroua aprehender a "rainha dos grilos" e que sem "a rainha" os grilos não cantam, ficam em silencio, esmagados por uma invencível tristeza. E', aliás, a "rainha" que dá diariamente inicio ao concerto monstruoso dessa orquestra que enche o deserto.

E Perry mostrou-nos, na curiosa caixa de folhas, a "rainha" prisioneira! Os marinheiros observavam, cheios de espanto, a soberana dos grilos.

Fiz a Perry uma proposta. Daria duas libras pela "rainha"; pois era minha intenção secreta vendê-la por cem ou duzentas libras a qualquer museu da Europa. O francês, a principio, não queria aceitar, mas diante da insistencia de meu pedido, concordou em vender-me a "rainha" pelo prevo que eu havia proposto.

Gracas ao dinheiro ganho nessa occasião, com o caso dos grilos, Perry pôde deixar o serviço de ajudante de piloto no "Remorso" e tornou passageiro num veleiro que ia para o Yemem. Entretanto dois annos depois, em Karb, dono de uma pequena casa comercial.

Ao relembrar, em conversa, o episodio dos grilos, disse-lhe que ainda conservava a "rainha", e que formara o intuito de levá-la para a Europa.

— Compra-a novamente por duas libras! — disse-me — E veja, na proposta, que acabo de fazer uma simples indetização pelo prejuizo que lhe causei.

— Como assim? — perguntei.

— O grilo que lhe vendi por duas libras nada tem de singular. E' um grilo comum. Não é "rainha" por uma razão muito simples: os grilos não teem rainha e é possível até que adotem a forma republicana.

— E como conseguia então exterminar os grilos naquela noite? — perguntei.

O intelligente Perry explicou-me amavelmente: — Sempre cultivei com carinho os estudos da Dantologia, isto é, a ciência dos insetos. Um livro de Fature ensinou-me várias particularidades sobre a vida e os costumes dos grilos. Eu sabia que os grilos vivem em grupos e que esses

O SONHO E A

PSICANÁLISE



ASCÂNIO DE PARIAS

FREUD

Com o desenvolvimento das idéias do sonho, que até então, era concebido como uma manifestação divina ou demoníaca, conforme o seu conteúdo, ficou precisando de uma explicação positiva.

Examinando atentamente, Freud descobriu que alguma analogia havia entre os fenômenos oníricos e certas lesões cerebrais. Via que os delírios e obsessões são tão estruturais à vida normal como os sonhos e certa vez despertou. Estudou diversos casos patológicos cerebrais e fez aplicações terapêuticas, resultando disto a interpretação freudiana do sonho.

Revolucionando a psicologia, tornou o inconsciente objeto do conhecimento.

Distinguiu no sonho duas espécies de material: *conteúdo manifesto do sonho e conteúdo latente*.

Desta distinção resultou o aparecimento de dois problemas:

1.º — Qual o processo que transforma o conteúdo latente em manifesto?

2.º — Que motivo ou motivos tornam necessária esta troca?

O processo da troca do conteúdo latente em manifesto é o que cientistas vienenses chamam de *elaboração do sonho*. Freud chamou especial atenção para a troca do conteúdo latente em manifesto, por ser o primeiro exemplo de versão de um material psíquico, de uma forma expressiva a outra diferente. Da relação do conteúdo latente com o manifesto, o sonho foi dividido em tres categorias: A' primeira, pertencem os sonhos de idéias completas, com sentido e compreensíveis. Estes sonhos são geralmente curtos e não chamam a nossa atenção por não nos causar assombro algum. Diz Freud que esta categoria de sonho é um poderoso argumento contra a hipótese de ser o sonho produto da actividade assilada de conjuntos de células cerebrais. Estes sonhos não são também, absolutamente, confundidos com a vida vigiil.

O segundo grupo é o formado de sonhos identificados aos do primeiro, mas que nos causa estranheza, por não saber como incluí-los em nossa vida psíquica.

Ao terceiro grupo, pertencem, finalmente, a maioria dos nossos sonhos, os sonhos sem consistência, incoerentes e sem sentido. Por esta razão é que não se ligava aos sonhos em geral. Examinando a realidade concorde durante o sono, Freud percebeu que muita coisa havia de incoerente no estado vigiil.

Costas curiosas a realização em sonho daquilo que devemos fazer no dia seguinte. São os chamados sonhos proféticos. Para explicar isto, J. P. Porto-Carreiro cita que as sensações viscerais, que de uma maneira geral, imperfeitamente, percebemos, exclam-se durante o sono, fazendo muitas vezes com que uma sensação não concorde na vigiil, seja durante o sono manifestação concorde. Dá como exemplo um individuo que sonha que feriu um dedo e sente a dor do golpe, quando acordado vê que tal não se deu dias depois, porém, no lugar do golpe sonhado, aparece-lhe um tumor. É o caso do *preconhecimento* pertinhando do inconsciente. Eis porque Freud chama o inconsciente *sentinela avançada do consciente*.

O sonho é também a exteriorização de impulsos realizados. Como exemplo, o proprio Freud conta que os exploradores polares, *sofrendo fome*, sonhavam com banquetes.

Fenômeno curioso que se passa no sono é a *dramatização*, isto é, a representação concreta de coisas abstratas: sentimentos, situações morais, etc.

Elaboração secundária é, quando por meio de associação de idéias, fazemos a coerência do sonho, unindo duas ou mais idéias sem ligações aparentes. Para Freud, a elaboração secundária é de grande importância na análise dos sonhos.

Esta associação pode ser feita quando se passa do estado onírico para o vigiil ou então, quando despertamos, contamos o que sonhamos.

Nesta fase de transição, verdadeira penumbra sonolenta, é que geralmente reatamos o sonho, trazido pela qual muita gente diz que não sonha. A's vezes até o reatamento se dá quando queremos narrá-lo!

(Conclue na pag. 29)

REFLEXÕES E COMENTÁRIOS

(CONTINUAÇÃO)

O peor é que, no género aludido, o mercador é insignificante. Bem poderia, pois, esterilizar futuras gerações. A subornos do resultado, pedirmos fazer como João, que se cobriu de cinzas em Hús, ao ver que estava tudo perdido.

Alguns fôsseis pensam ainda, em pleno século XX, no ano da graça de 1033, que bom alamo é aquele que, para obter grãul 100, se trancaia entre quatro paredes, matando-se sobre livros didáticos apinhados de erros, governando suas palavras, perdendo seus fôssatos, nullificando sua inteligência, inutilizando sua vivacidade, sendo, enfim, um marfim, um pobre fracaço que dispensa almoço e janta, que até não toma banho, tudo para agrandar a fôsses de 1.500, decorando certas noções minutuosas que nada adiantam, e de que se esquecerá...

Mas não! *Bom alamo*, na concepção moderna de um Nascentes, é aquele, sim, que estuda muito mais, que lê os monumentos hieráticos, comenta jornais e revistas ilustradas, que discute as hipóteses cosmogónicas, as idéias de Nietzsche, os telegrammas que vieram lá da Europa. Aquelle que alia o corpo á alma, a inteligência á força... Aquelle que passa, que visita exposições de pintura, frequenta as grandes bibliotecas, aprecia o belo da vida. E' o que sabe conversar com inteligência, sem chatear os amigos. E' o que ama a cultura geral, que escreve os seus versinhos, que faz os seus discursos, que deixa um rastro aqui, a perpetuar-lhe o nome.

De negra já basta a vida. Não se conduham com a época esses fôsseis que não podem ver a alegria da adolescência, a despreocupação dos meninos. *In medio viuis*. Fera daí, é querer ser muito cretinho.

Que adentra a um alamo o seu excesso de estudo, se mata, cefim, o seu proprio talento? Delany, na sua "Venus feminea e calipédica?" não contave a sua revolta: "Grande variedade em de ter-se um filho-prodigio, que obtinha successos mesquinhos, ostentando áos a vida do verdadeiro talento!"

Inutil! Os fôsses não entendem

O meu amigo Carlos Dantas teve muita idealização, quando, no seu artigo "Erros de Meiores," citou tres coisas insignificantes... Vou desatralo, agora, citando-lhe alguns erros de criticos, isto é, de mestres que criticam mestres. Enquanto que lêo alfredo Machado de Assis, Vicente de Carvalho e Felix Pauleco, vou eu pitar João Ribeiro, Humberto de Campos e Eloy Pontes.

São João Ribeiro, assim chamado pelo autor das "Memórias," escreveu uma peça em verso, que ofereceu a Coelho Neto, intitulada "Auto das eurturas de amor," e representada no Teatro Municipal. Ah, encontrei estas coisinhas: *n'ela, n'uma, n'este, n'as (a eufónico), etc.* Esse apóstrofo, sabese, é perfeitamente inutil. E, caso fosse necessária sua presença, não poderia ser após o n. . .

Adiante. Eis aqui um pronome objetivo idono colocado á moda popular:

"T'o d'ria, esposo rumi!"

Agora, uma boa mudança de tratamento:

"Tua comadre que é dona

Hoje de ti quer negar?"

Um passo mais, e encontraremos nova mudança de tratamento:

" E té me ralas,

E de comadre me jaldas"

Pois *sarbal* é uma imundice,

Indigna de homem de bem!"

O sr. João Ribeiro escreveu *entrançado*, e, portanto, deverá escrever *passado*, *passaria*, *und so ueller*.

Vê-se que al S. João não fez milagres.

O meu brilhante Humberto de Campos, de quando em quando, também solta os seus erribos. Abundam estes quando se trata do suffixo *izar*. Regra de enorme facilidade é lamentavel que o grande escritor não a saiba aplicar quando convem. Perfunctos, por acaso, "A crise radiográfica," artigo publicado na "A Noite"; *civilização*, utilizados, *elementar*, etc. Ainda neste artigo, vemos: "Era á rua Santo Antonio," e, mais abaixo, "á Avenida das Xagões". Isto numa crônica perquena. Analisemos-lhe (analisar não tem suffixo *izar*), com muito cuidado, toda a obra, e encontraremos coisitas peóras. Assim aconteceu, infelizmente

O sr. Eloy Pontes é o mais rigoroso dos criticos. Critico formidavel. Não deixa escapar nenhum erribio. Tomemos "O Globo" de 28-8-33. Ali assinala de um erro do sr. Avvaro Moreira: "Os delictos de pronuncia e construção espalhados em algumas paginas deste livro podem servir para os grandes que não *sabem ensinar* aos pequenos como é certo." Realmente, erro crasso. Mas,

(Conclue na pag. 00)

SI VIS PACEM, PARA PACEM

WALDEMAR DE CARVALHO

Por mais utópica que pareça a ideia de se combater a guerra, de negar-se-lhe qualidades de renascimento e outros falsos attributos com que a defendem os sanguinários de todas as épocas, prestigiar o movimento pacifista, é amar a civilização e a humanidade. Esse movimento ha de crescer, ha de vencer. Não importa que muitos considerem ridículo e inútil o esforço pelo desparecimento das guerras. Por iniciativa de Einstein iniciou-se a mobilização dos voluntários da paz. E a dubiedade foi abolida: "E' contra a guerra? define-se. E' a favor da guerra?" definiu-se ainda. Não seja indiferente, definiu-se com clarezza.

Enquanto se concentram as forças desse exército sem armas, ferrilham tropas acorridas nas fronteiras da Europa e da Asia. Precassam, uma após outra, conferencias de desarmamento. Nos estaleiros, nos arsenais e nas grandes fabricas de extermínio, milhares de homens preparam munições para produzir a morte nos arns, em terra e mar. A quinta desenvolve extraordinariamente o emprego dos gases. As nações armam-se e a injunção luctra os povos. Firmam-se pactos de segurança, mas todas as manilhas, ao despertar, o entropou indaga, ansioso.

— Estará, hoje, a guerra?

Galvanizadas velhas formas de governo, outros sistemas surgem ora avançando, ora retrocedendo seculos. Nesse marromto de pativões, ha quem pergunte a guerra e a julgue inevitavel como os cataclismos. A hira, dizem esses adeptos de Marte, é manifestação de vida e os povos, desde a sua formação, chegaram ao estado actual e trocaram o oceano de sangue. O "homo sapiens" destruiu

Reflexões e comentários

(Conclusão)

nesta mesma critica, não terá o sr. Eloy Pontes alguns erros?

Vamos ler. Feita a leitura, verificamos tambem que o critico comete erros graves: raza, sircunscricão, creatura (tao deve haver distincão entre criar e crear, pois o verbo foi sempre *creare*), criticar, crearças, fóra alguns delictos de pontuação... Quem leu seu livro "Alegorias", aliás livro admiravel, terá notado muita incorrecção, inclusive mudanças de tratamento, erros no gerar as palavras, descuidos em suma lamentaveis...

Terá visto o Carlos Dantas, mais uma vez, que os mestres erram muito. Vergonhosamente, *Darim errare humanum est* ou, segundo a traducção do Zé Povinho, *errar é das Maravilhas*.

Eu pigriro me divertir, ás vezes, corrigindo os erros que cometi ha vários menses passados. Por isso mesmo, sinto orgulho em saber, que de ano para ano, caminho um passo para a Perfeicção...

o "homo primigenius" e conservou até os nossos dias o instinto do choque e da luta. A guerra é uma desgraça periódica, necessaria e inevitavel. E nem dos estorvos pacifistas.

Tal concepção, porém, desapparece. O peso do tributo da alimentação de 1914, que o mundo paga, ainda, num selvico de angustia, ficou para impressionar. Outra guerra destruiu a Europa inteira e pôde em risco a especie humana.

Cumpro, pois, reagir contra a evanescencia da tardia pacifista é colossal, ingente e longa. Necessita muitos obreros. Einstein, uma das maiores cabeças do seculo, é contra a guerra e já lançou o seu apelo aos que a abomnam. Que cada um lhe responda de acordo com a propria consciencia.

Num momento de tão porçosa perspectiva, manifesta-se na America do Sul um movimento de harmonia. Continuação de grandes possibilidades economicas e territorias, viveu, quasi sem interrupção, a paz. Manifesta-se na America do Sul um movimento de harmonia. Continuação de grandes possibilidades economicas e territorias, viveu, quasi sem interrupção, a paz. Manifesta-se na America do Sul um movimento de harmonia. Continuação de grandes possibilidades economicas e territorias, viveu, quasi sem interrupção, a paz.

A paz duradoura nascerá na escola. A paz das ideias e dos sentimentos, das convicções e do amor, cultivar-se na escola que tambem é lar e casa, é a unica paz consistente. E' necessario ensinar nas escolas, a *boa vontade entre os homens da Republica e as nações da terra*.

Cultivar intensamente os conceitos de nacionalismo, o amor á Patria vivo e militante, ao lado do respeito e da amizade pelos demais nações do continente.

O critério nacional dentro da harmonia internacional, são dois ideais concordenantes, que se completam e fundem o bem estar humano.

Deveria ser modificado, como disse algum, o portegoso e léxico adorno por este:
SI VIS PACEM, PATA PACEM.
E praticado por todas as nações.

O Gopfigo

Mironio de Padua CONCLUSÃO

Depois arrefecta. O agougueiro era um portuguez forte.

Massava-lhe, porém, aquele esfriamento e fte procurava qualquer coisa onde se apogear. Resmungava, contrateito, mas se ia consolando.

— "O rapaz da venda está aí fóra."

D. Briges atastou o bule de café e começou a passar disfarçadamente um trapo pela mesa, juntando os farelhos de pão.

— "Escuta, Briges... Vê se ele pôde voltar amanhã."

D. Briges saiu. Rufino olhou as moscas que se divertiam nas poichas de café.

— "Interessantes esses bichinhos! Com certeza eles não tem corcujão nem tripas; um estômago não cabe ali dentro. O diabo do vendeiro vem cobrar amanhã... Não sei como vou arranjar cem mil reis."

Quanta mosca! Até parece o agougueiro de Pedro... A Briges acha que o Pedro é parecido com o homem da venda? um pouco. Drogal tenho que arranjai dimbeiro... Dizem que o Pedro é muito rico... Elle me poderia emprestar... E, eu hoje vou falar com ele. O diabo é que tenho vergonha. Melhor seria... Sim... A Briges. Elle olha muito para ela... Que mosca impudente, arre!

— "Eu saio com o Mundico e fico espando do quintal... Ora! de noite ninguém ha de ver. Quando o Pedro vier encontrar a Briges sózinha e..."
Rufino estremeceu nervosamente.
"Oh! mas isso é uma desgraça! Seu Pedro, não entre... Vole. Oh! ele está lá dentro!... Mas Deus, porque a Briges não gritou... Olha o Mundico, Briges, não faça isso!" — Briges, Briges...
A mulher entrou esbafordada:
— "Que é isso? Até me assustou..."
— "E'... não é nada. Briges."

ABERRAÇÕES

CONCLUSÃO

SERGIQ

FRAZÃO

Atrou-se aos livros, impellido pelo desejo e ambigão de deslumbrar pela intelligencia, de conquistar pelo espirito cultivado, um mundo que a repelia e uma sociedade que frontizava sua falidade.

E, pela intelligencia, ella deslumbrou; venceu, jogando com a arma polida e brilhante do pensamento; fascinou com o diamante multifacetado da cultura.

Seus livros foram uma progressão de glórias; seu nome aureolado pela fama, transpôs as fronteiras naturais da patria e até os ditimos limites da terra, chegou o nome de uma mulher que possuia a erudição vastissima de muitos séculos.

Ella morreu num dia, dia sombrio em que os nimbos baixos forcejavam por esconder o alto dos mortos e dos aranha-céus.

Sua alma abandonou cetera aquellas formas aberrantes de um sabço de corpo humano e, subindo, para os céus, abriu um clarão na abóbada de chumbo que cobria aquelle dia a Terra.

Pedro não rebusou os pergaminhos para franquear-lhe os umbrais celestes, nem tomou o Senhor da biblica balança para pesar-lhe as boas e más ações.

Recebeu-risoulo e falou:
"Mulher, tu na Terra foste duas aberrações. Foste um ser diferente. Teu corpo horrivelmente feio e a beleza de tua intelligencia não tiveram par."

Dize-me. Foste feliz?"
A alma da mulher sorriu e falou:
"Senhor, eu tive, no corpo, a fealdade conjugada das Parcas mitológicas e na cabeça, a intelligencia utópica de Minerva. Tu eraste, Senhor. Eu não fui feliz."

Não podiam abortar em mim as vaidades cultivadas pelas mulheres, durante tantos e tantos séculos.

Negaste uma pequenina escola da beleza de Venus, da leveza das Gracas.
Por isso eu te respondo, Senhor, eu não tive sexo. Senhor, eu não fui mulher. Na Terra, Senhor, eu não vivi!

CLOROFILA

CLAUDIO MELLO

1.º — Generalidades — A clorofila, pigmento verde do reino vegetal, é um derivado do metal porfirina. (1) Existem na maioria das folhas e caules verdes, das variedades de clorofila, isoladas ou acompanhadas de outros pigmentos de constituição química menos complexa, e de função até o presente momento desconhecida.

Dentre estas substancias estão incluídas a carotina (2), hidro-carboneto corado em vermelho também chamado de eriofla, de fórmula C40 H56 e varias xantoflas metamericas que respondem á fórmula molecular C40 H560 ou sejam produtos de oxidação da carotina.

Estes pigmentos satélites, por assim dizer, da clorofila, recebem o nome generico de carotinoides sendo também conhecidos por licromios, por serem solúveis na maioria dos dissolventes das gorduras, (éter, cloroformio, terebentina, etc.)

(1) — Por metilporfirina, entende-se, a associação de um radical metálico á porfirina.

(2) — Assim chamada por existir na raiz da cenoura.

(Dannus carotia.)

2.º) — Constituição Química — Os trabalhos referentes á constituição química da clorofila são devidos a varios pesquisadores, destacando-se entre outros, Willstätter e sua escola constituída por Stoll, Ullzinger etc...

Grupos e essas autores foi possível a determinação das fórmulas das duas clorofilas já citadas que receberam os nomes de A e B.

(MG N3 C31 H29) (CO NH) (Co oCH3)
(CO OC20 H39) Clorofila A

Mg N3 C3, H27 O) (CO O NH) (COO O CH3)
(CO OC20 H39) Clorofila B

Segundo Moeklenburg a proporção entre as duas clorofilas é de 3a: b.

Pelo exame dos aspectos destas duas clorofilas, vê-se que ha intensa absorção na região violeta, fôrto de alta importancia relacionado ás funções vitais da célula dos vegetais verdes.

Um processo seguro para a obtenção da clorofila pura é devido aos autores já citados.

Opera-se em câmara escura, iluminada com luz verde. Trituram-se folhas verdes em um moedor de mistura com acetona; o liquido resultante é um extrato contendo todos os pigmentos das folhas; separam-se as xantoflas pela heuzina novamente e por fim dissolve-se a clorofila no éter comum.

Por destilção da solução eterea de corofila obtêm-se pequenos cristais verdes em forma de agulhas rapidamente alteravéis ao ar e á luz.

Submetendo-se a fôrto a clorofila á ação de uma base, dá-se a hidrólise dos grupos éster, formando-se clorofila liberando-se na reação alcool metilico e um outro alcool mais complexo, o fitol (C20 H39 HO).

A clorofila tratada por bases nucleides a quente após varias reações intermediarias dá lugar á formação da etiofina. (Willstätter e Fiesche)

Comparando-se as estruturas químicas da etiofina e da hemina derivada da hemoglobina nota-se grande semelhança ressaltando porém imediatamente a diferença mais importante que reside no radical metilico catalítico magnésico para a clorofila e ferro para a hemoglobina.

Por muito tempo se pensou que o unico pigmento possuidor de magnésio fosse a clorofila, na realidade, porém, a pinnglobulina, pigmento parlo, existente no sangue de um molusco lamelibranchio (Prina Squarrosa) também possui este radical metilico, em vez do cobre como era de prever.

Deve-se notar, entretanto, que até o presente momento era totalmente desconhecida a presença de magnésio nos pigmentos animais.

A clorofila pôde transformar-se lentamente sob ação de agentes externos em fofofila, pigmento parlo quarcentário e desprovido de magnésio.

(conclue na pag. 30)

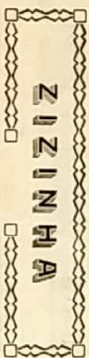
A Rainha dos Grilos

CONCLUSÃO

grupos, em certas épocas, vão de um lugar para outro mais distante. Essas emigrações ocorrem ao cair da noite de um momento para outro. Quando os grilos, durante o dia, mostram-se agitados, inquietos, é que preparam a "partida." Ao iniciar certa vez os preparativos da bicliarrada fidei ao capítulo, e não tive dúvidas em aceitar a aposta, que o turo se lembrara de fazer. Os grilos partiram, sem que eu pretendesse impedir e gambai desse modo a aposta.

— Af vê, meu amigo — conduzi — que o caso dos grilos nada tem de sobrenatural. Querem, porém, desfructar em seu espirito essa lenda da "rainha" que foi unicamente inventada para tranquilizar aquele punhado de hommas rudes do mar. Recusai a indenzagação de Perry.

E, ainda hoje, quando olho para a falsa "rainha" dentro de seu palacio de cristal, lembro-me do entomologista que conseguiu, com a sua ciência, dominar a tripulação de um navio de piratas.



HELIO CARLOS

ZIZINHA só pensa em Hollywood, na Norma Shearer, na Bobé Daniels, na Crawford divorciada que ela pronuncia muito mal — nisso que vale a pena ser, ser americana genuína, com o carimbo "made in U. S. A."

— Quer saber de uma coisa seu moço? Davou pra Hollywood, de surpresa, como o Roulsen e hei de ser "miss" Zizinha de fôrto, hei de ter o nome iluminado no Odeon e beijar os hommas mais bonitos desse mundo...

E' assim que ela fala. E' da minha idade, mas tem a graça das mulheres simpáticas e pintadas, a elegancia cariosa das pratas, os olhos postumados abertos para tudo, que sempre a encantam, para qualquer moço, discute o lugar da mulher na Constituinte, e, coisa adoravel, — ha de estar advoacina, transformar dentro das suas teias isso tudo, fazer passar as manitas e as velhotas de "longrunni" conservadoras...

Sou doutora Zizinha...

E' dona e doutora Zizinha. Gosta de Marcos André que não esquece nas cronicas diarias e mudanas de seu "robo" elegantissimo, muito elegante, sempre elegantissimo. E' dona Zizinha por enquanto... Ms quando passa ovre "bans" contaplavros, unssenos, sonoros, maliciosos das rapzinhas atleticos da vizinhanga... Seu papai não sabe se aceita o industrial ou o Jorge de corpo si métrico...

— Zizinha precisa casar...

Sim, porque Zizinha já coleciona esse pertubador Pitigrilli no meio das suas coizas putas, — fôdos de Hollywood, do velho e romantico John Gilbert, do cinto mas simpático Montogonyery, do anglico Charles Farrell...

Zizinha faz farras, que acordam a vizinhanga com o forrozinho do Roberto moreno, a buzinhar sem motivo com o riso da Zizinha que nunca termina...

Zizinha vai mostrar á vizinhanga que é capaz de estradar... Estudará advocaia. E' a sua nova tentação. Depois não faz mal levar o grãu, á boca, o Ciceiro para Hoolywood...

Parece que vai estudar. Pelas manitas frias quando passa para o banho das nove e meia com as olheiras mais acortuadas e mais serenas, — eu penso que Zizinha leu muito de noite, estudou muito como certos estudantes para ter como eu, aspectos severos, denunciadores de homem ajudado.

Essa Zizinha é o "begrun" da nossa rua. Dizem as senhoras que Zizinha não pôde conversar com as outras meninas da sua idade... Talvez seja esse o motivo das menibus gostarem da Zizinha.

Curso de Matematica

O engenheiro civil, professor Fernando Tinoco, vai publicar o 1.º dos seus quatro volumes do magistrico Curso de Matematica, de sua autoria. A obra que breve sairá á publicidade, destina-se aos graduatis, oabderando, em lições geratis, ao programa oficial, sem contudo, perder o caracteristico de obra moderna cuja orientação didactica é absolutamente nova. O Curso de Matematica oferece ao aluno uma leitura amena, pela investigação historica, solução de numerosos problemas e muitas outras causas, entando a exposição exaustiva e meramente teorica dos pontos, de maneira que prende a atenção, mérito alto raro em obras desse genero. Por tudo isso, não hesitamos em recomendarla aos nossos colegas, descejos de conhecer, de maneira segura, a matematica e aos candidatos ás Escolas Militares e de Engenharia, para os quais a obra se torna indispensavel, pelo seu valor.

Al professor Tinoco, os nossos aplausos.



PALPITES CEREBRINOS

CONCLUSÃO

Eur, por mim, vejo a Humanidade de tal jeito, que mais depressa creio no Diabo do que em Deus.

Magistério e Diplomacia.

O professor, antes de tudo, é um diplomata. E' o Enviado Extraordinário e Plenipotenciário de Morfeu, junto aos alunos.

O homem é um cigarro que o Destino fuma.

A sua gloria é a brasa — arte e brilho, mas se apaga.

O que ele cria é a fumaca — evolva-se aliava, mas se desfaz no espaço. E, por fim, o que dele permanece é a cinza — pó quebrado que se espalha no cazeiro da terra...

INGENUA

CONCLUSÃO

PEDRO BLOCH

— "Yo" sei, Marcosio.
— E que noessa posição era transitória. Tran-
si- tó- ri- a.
— "No" sabia, Marcosio. Pensei que "estrela"
la receber-me com aquele mesmo sorriso bom de
quando eu tinha como ideal de vida de ser só tua.
Pensei que...

— Não venhas para cá com o papel de falsa
ingenua.
— Não vires, "no", Marcosio.

— Usied está casado? aterrrou-se ela.
— Não.

— Noivo?
— Não. Não.

— Tens uma nova amante, Marcosio?
— Não.

— Ah! Tens
— E' ainda mais "hermosa" e carinhosa do
que "yo"?

— Ouve, Conchita. Voel não tem o direito de
criminar-me.
— Não tenho, não, Marcosio.

— Voel vai voltar no mesmo navio, Conchita.
— Não iréi, Marcosio.

— Veremos, Conchita.
— Veremos, Marcosio.

— Voel vai ou não vai?
— Iréi, Marcosio. Mas...

* * *

O dia parecia feito de encomenda.

A terra, vestida de luz, rendilhada de praias,
sorria suavemente.

As montanhas erguam um hino verde aos
céus.

O cáis estava fervendo de gente.
Conchita vinha gíngando.

Um crioulinho lustroso e encantado car-
regava a bagagem material.

Y vestidos, chapéus, cartas.
Conchita levava a bagagem espiritual.

O cáis estava pintado de beleza.
O transatlântico agitava-se impacientemente.

E Conchita murmurava:
— Que cidade horríplante!

Tinha uma noite churrosa malma.
E a cidade transbordava de lindeza.

Um absurdo de maravilha.
A produção de esplendor ia aumentando.

Aumentou tanto que chegou á super-produção.
E então a natureza foi obrigada a fazer como os
homens com o café.

Começou a alitar esplendor ao mar.
E o mar disputava com o céu.

Que papo duro!
E Conchita murmurava:

— Que cidade horríplante!

* * *

Alto mar!
Calote de esfira.

Superfície curva-côva.
A noite trouxe a lua em quarto crescente.

E o navio vinha gastando velocidade.

* * *

Enfiado no divan raquítico, com um robe de
chambre com as cores do flúido, alçou uma ba-
formada de fumo desenhando desenhando.

A doença começara com as noites que passara
com Conchita.

Sua obra estava quase completa.
E a moléstia também.

Não queria dividir seus males com a "in-
genua" Conchita.

Por isso fizera a cena de tirano.
Quando acabou o trabalho, apresentou-se no

Salão obtendo o primeiro premio.
Representava "Ingenuidade."

Conchita reclinada com os seus olhos tristes
e dolorosos como a Inerência.

A moléstia terminou o trabalho e alcançou o
primeiro premio no Salão da Bienalidade.

* * *

Quando Conchita recebeu aquela herança de
trezentos contos riu para dentro:

— Decididamente não represento mal o meu
papel de ingenua.

E entrando no "boudoir" onde estava sua
nova vítima, um abgado cilieno jovemista e
hubbardo abriu os olhos grandes e tristes que

chegou a causar-lhe pena de tanta ingenuidade.
— Amas-me, Conchita?

— Amo sim, Romantico.
— Mucho, mucho?

— Mucho sí, Romantico.

* * *

No Rio, encaixado no "Revertere ad locum
tuum", Marcosio repousava.

O vento passava molhada.
E a chuva cada inchada.

AS LUZES

CARLOS SOLÉ VERNIN

Não arrabalde da cidade de Bernés, a ci-
dade magral, viva um velho sacerdote indol,
profundo filósofo e conhecedor de toda a literatu-
ra oriental, que morava numa cabana muito po-
bre e se chamava Nacnae; quando moço, tinha
vaidade muito, jejunado, sacrificado o seu corpo,
de maneira que agora, já enfraquecido, passava
quase o dia inteiro sentado; só se levantava e
andava de manha cedo para ir deixar a benção
sobre os crentes, mas logo voltava e continuava na
mesma posição. O seu espírito, esse é que nella
tinha perdido de lucidez.

O idoso sacerdote, gostava muito de um me-
nino que lhe fazia a limpeza da casa, mas ao mes-
mo tempo se desgostava com elle, porque Maguar,
o menino, não tinha interesse pelo estudo. Enquanto
Maguar estava no seu trabalho, o velho Nacnae
ficava absorto em olhar-lhe os movimentos para
ver se de alguma dífes podia concluir um áto es-
peranzoso, tal era o seu carinho.

Um dia limpado, claro e fresco, Maguar es-
tava varrendo; o menino fazia muita poeira, cuja
existencia era evidenciada num forte jato de sol
que entrava por uma janela completamente
aberta. O mesmo lago que se viu no sol e que
tinha poeira o envolvia, correu á sombra para res-
pirar, porque tinha ouvido de Nacnae que a po-
eira respaldada podia causar a morte depois de
muito fazer sofrer.

Nacnae aproveitou tudo, não quis perder a
oportunidade, chamou-o e ensinou-lhe:
— Maguar, Maguar, tu fugiste da luz e foste
para o escuro, recheado de respirar tanta poeira
quanta viste. Mas te enganaste: o escuro te trahi
porque elle não mostra a poeira que contem. O
sol claro e limpido te aponta imclutadamente o
mal e tu fugiste de vello, mas foste para um lugar
onde não o podias combater pois na sombra o mal
é invisivel. A luz do sol, para o corpo, é como a
justiça, a verdade, a ciencia, o pensar, o estudo,
para o espirito; elle mostra todo o mal a escuridão
é a ignorancia, a imbecillidade, a injeção, que te
podem cegar aos teus inimigos, que te hão de ma-

tar o espirito, com toda a seguridade. E quanta
poeira maldica não existe para a intelligencia!
E quanta sombra, a escondelal!

Parece que Maguar não poute apreciar a
beleza das palavras de Nacnae. Então o velho se
levantou, entrou em casa e mandou que o menino
se fosse pôr ao jato de sol que ainda continuava
acusando poeira no ar.

— Não, não, Nacnae! Pois vós me havéis en-
sinado que era ella terrivelmente mal!

Eles, velho e menino, estavam na sombra
porque as outras janelas estavam fechadas. Nac-
nae disse:

— E tu continuas calmo no meio de tanta
poeira!

— Poeira? Mas aqui não ha poeira!
— E' o que pensas, filho; abre immediatamente
todas as janelas e portas, deixando que o sol pe-
netre o mais possivel.

Maguar obedeceu. O sol entrou ruidoso e
uma das primeiras cousas que fez foi acusar a
poeira suspensa no ar de toda a cabana. Maguar
ficou horrorizado; tão horrorizado quanto dias an-
tes ouvira a descrição da terrivel doença causada
pela poeira e agarrando Nacnae pelo braço o
trouxo, puxando até fóra de casa, no começo da
floresta.

Aí o velho teve que explicar:
— Ah! tu me puxaste depressa e tambem
saiste de noessa casa porque viste a quantidade de
poeira; mas só a viste porque o sol entrou. Tambem
em quereses tu estudar, abrires as janelas do teu
espirito, para que a luz da ciencia te illumine e
te faça ver todas as ignorancias pequeninas que
andam suspensas na atmosfera de teu espirito,
qual a maldica poeira.

Maguar passou a ser seu discipulo, discipulo
exemplar e já depois de homem, gostava de dizer,
lembrando-se de um dos mais belos episodios de
sua vida:

— Quando se está em companhia de sábios,
fala o sol, falam as janelas, tudo fala e até das po-
dras cousas ouvirmos.

O Sonho e a Psicanálise

CONCLUSÃO

Tais são, pois, de uma maneira geral, as considerações que fazemos sobre o sonho, na expli-
cação definitiva que nos deu Freud, na psicanálise, que já não mais admite o effeito de absurda, com que
queriam minimosé-la seus contraditores, sem sequer conhecê-la e estudá-la. Ella, hoje, conquista os meios
científicos. Dando-nos a exploração dos sonhos, realizou a solução de um problema, que até então se pro-
curou resolver, por hipóteses, ás quas não se pôde negar verdadeiro caracter mitológico. A cientifica, a ver-
dadeira interpretação al fin, portanto, em linhas gerais.

CLOROFILA

CONCLUSÃO

São os cloroleucitos comumente mais abundantes na pagina ventral que na dorsal, o que facilmente se verificará pela desigualdade da intensidade da cor verde das duas palmas.

Nas algas chamadas espiréginas, algas verdes, filamentosas que vivem na água doce, a clorofila toma estrutura bem diferente da já descrita; apresentando-se em forma de fila espiralada que se desenvolve logo abaixo da membrana, no sentido do grande eixo da célula. Não raro encontram-se grãos de amido na intimidade destas espinas.

Existem ainda certas algas verdes (*Zigmenas*) em que cada célula possui um amido cloroleucito volumoso e estreado.

Ainda observando vegetais inferiores encontramos a clorofila disposta ora em rede ora em palissada etc.

Póde-se encontrar em certas algas ditas azuis (noctococas e oxilioranctias) clorofila dissolvida no plasma sem diferenciação de espécie alguma.

Diz-se, nestas circunstâncias, que a clorofila existe sob o tipo *difuso*. Nos cloroleucitos passam-se oxidações contínuas que destroem aos poucos o pigmento podendo haver entretanto regeneração.

No fim de certo tempo, porém, podem estes leucitos tornarem-se incolores, ou serem sede de novas transformações tendentes a sintetisar novos pigmentos.

E' o que acontece com os frutos e flores coloridas quando jovens e incolores ou coloridos diferentemente após adultos.

3.º) — Cloroleucitos — A clorofila existe na maioria dos órgãos aereos das seras que constituem o reino vegetal, sob a forma de cloroleucitos ou chloroplastidos.

Nos vegetais inferiores (protófitas) poder-se-á observar variantes na sua morfologia como se verá adiante.

Existe uma não pequena classe de seras vegetais desprovidos totalmente de pigmento: os cogumelos (seres portanti, Heterotrofos).

Os cloroleucitos são pequeninos corpúsculos verdes ovóides ou esféricos espalhados irregularmente no protoplasma das células dos órgãos expostos á luz.

Assim, na folha existem, principalmente no tecido palissádico (Palma superior ou ventral) e nos tecidos lacunar (Palma inferior ou dorsal), logo abaixo da cutícula.

JURUBÉBA

CONCLUSÃO

ganchos de gunitasies, sem habilidade bastante para isso, projectou-se no caixão háctico do pedestal do andar que estavam construindo. Criou como um porcesso. O ruído das ferragens e do martelismo isolava-o no fundo do caixão. Criou mais alto. Uma novo volume de concreto abafou-lhe a voz, enchendo-lhe a boca, as fossas nasais, os ouvidos de argamassa, cobrindo-o todo.

Os tempos virão. Daqui a dez mil vinte mil anos, em que o pedestal esquerdo for derrubado, haverão de encontrar-lhe o corpo entre as vigas, entredreido no concreto. Estudá-lo com a curiosidade, com que hoje estudamos um fóssil. Declararão talvez que foi uma penalidade atroz imposta pela justiça atrasada da época ou que eram assim os hábitos dos grandes. Dirão que foi rei

e que reinou sob um nome qualquer bastante exótico para ser repetido com curiosidade e respeito.

Assim são as descobertas!

Jurubéba, que viveu sonhando ressuscitar a idade aurea das conquistas espirituaes da antiguidade classica, morrea, vítima de uma das mais avançadas realizações do século. O seu cranio que seria exposto num museu, como anomalia de notavel, ali ficava conservado na argamassa, comprimido entre o macedame do concreto. O corpo que nenhuma mulher notara, os olhos que nenhuma vira, ali estão sustentando o peso de um edificio de vinte andares.

Ha homens assim.
Polipe Jurubéba!

À MARGEM DE UM ROMANCE

CARLOS DANTAS

Confessamos julgar imprecondivel a existéncia, no meio literario prasietero, de panfletarios deslumbrados, desabusados, independentes, género Antonio Torres. E não é sem desgosto que sentimos

não possuir dons de polemista com o auxilio dos quaes nos collocaríamos ao lado de quantos, a exemplo do autor das "Razões da Inconfidência," zurrem, de vez em quando, com o "knut" do sarcasmo implacavel, ou com o azorrague impiedoso da ironia, os que loigram fama de grandes romancistas, grandes poetas, grandes "conteurs", grandes á quasi inexisténcia, entre nós, de uma critica desintereçada e honesta.

Não que nos sorria a idéa de sermos tenidos. Ainda menos nos tenta a fama de "má-língua." Mas, se acaso possuíssemos cabedais de cultura sufficientes para enfrentar as várias "igrejinhas literarias," por certo que o faríamos com prazer intenso, concios de estarmos desenvolvendo esforço quixotesco, talvez, mas de modo nenhum indil!

Pensámos nisso ao ler algumas criticas ao primeiro livro, um romance, do sr. Barros Vidal, conhecido cronista cinematográfico e autor de contos, alguns-bons, soffríveis — outros, regularmente inseros no suplemento dominical de um diário desta cidade.

Os autores das criticas a que aludimos são agórfes em exalçar o valor (que não pretendamos negar) do romance do sr. Barros Vidal, sem contudo registarem que tal obra se filia a muitas outras, nacionaes e estrangeiras, quanto ao assumto, differenças havendo na fórma, apenas. Em duas palavras: um... "puzzle"...

Sabemos, sem divida, que um determinado livro poderá ser desenvolvido por mil autores sem

que a nenhum desses autores possa caber a acção de haver cometido plágio.

Entretanto, para que assim seja, é indispensavel que, versando velho tema, revele, quem o faça, qualquer traço de originalidade, estilística, pelo menos.

Foi o que o sr. Barros Vidal não quis ou não pôde fazer. No estilo que usou para escrever o seu romance, nada ha que o distinga do estilo impreciso de toda a gente. Nenhuma construção original de frase. Nenhum modo novo de contar velharias. Nenhum conceito nitidamente pessoal, mesmo "má, mas seu!"

Quando ao tema do livro de que nos occupamos é — já o dissemos — ancão e, — tambem repetimos — só á "eau de jeunesse" de um estilo brilhante lhe daria foros de novidade.

Tema ancão, dizemnos com acerto, pois não é de senão a velha historia de um sacerdote cujo espirito se debate, angustiado, entre o dever de ser casto que a Igreja absurdamente lhe impõe, e o dever de o não ser que lhe é imposto pelo sangue novo, estuante.

Ditto sofistas que o sr. Barros Vidal desenvolvem com habilidade essa historia. Concederemos. Habilidade não é, porém, attributo sufficiente, só por si, para transformar em romanistica quem o não seja de fíto.

O proprio sr. Barros Vidal acredita haver descoberto a pólvora. Assim é que, no prefácio do seu livro, diz ter-se debragado sobre a vida e visio. E' possível. Mas... sobre a vida, só? Isso indagamos porque se nos affigera que o sr. Barros Vidal se debragou, principalmente, sobre um volume d' "A mortalha de Alzira", de Aluizio Azoredo. S6?

IMPRESSOES

CONCLUSÃO

Enfim tudo passa. Douve um tolo que fez o elogio do eubotimismo, cuidando ser moderno porisso. No entanto é antiquissimo. Sempre houve caballos.

Só não passam as eternas ambições da humanidade. Geralmente o critico é um invejoso ou a ambição habita-lhe o peito. Esta *carapuca* não me serve, felizmente. Se os criticos soubessem como os adormos, procurariam o suicidio. Só ha critica historica limpamos nio, nos trabalhos historicos.

O Fogueiro

SAÍDOS EM 5 MINUTOS - MEIAS SILLAS EM 20 MINUTOS

46 - RUA LARGA - 46

Ataca-se um critico é temperado, mas tratamos de satisfazer um pedido de amigo. E' preferivel aturar-se um palavreiro de um critico a perder-se um amigo. Criticos, encontramos-los, mas um amigo. Al está o *burizista*

Dr. Telestino F. B. Valadres
CIRURGIÃO DENTISTA
Rua Uruguaiana, 24 - 1.º
Tel. 2-4145

SALÃO EDEN
BARBEIRO
Rua da Alfandega
164

Papelaria Ribeiro
Livros e artigos
para colecionistas
Objetos para desenho
PREÇO MÍNIMOS
OUVIDOR, 164

LETERIA MINAS E RIO
Queijos, e manteiga de Barbacena
AVENIDA PASSOS, 111

Grande Depósito de Moveis
Vendas por atacado e a varejo
Rua Visconde de Itaipua, 93 - A

J. G. PEREIRA & C.
Tipografia - Encadernação - Riscado - Livros para
contabilidade, artigos para Escritório, Desenho,
Engenharia, Pintura, etc. - Papéis assentados de
linho e para Encadernação
Telefones 4-1769 e 4-6545

A SIMPATIA
Moveis de todos os estilos
Por atacado e a varejo
Rua Visconde de Itaipua, 169
Tel. 4-6550

LIVRARIA MACHADO
MARIO MACHADO & CIA.
Grande sortimento de livros co-
legiais e de diversos assuntos
25 - AVENIDA PASSOS - 25
RIO DE JANEIRO

Grande Fábrica de Moveis
Especialidade em mesas elásticas
Rua Afonso Cavalcanti, 168
Rua do Matoso, 73
Fones 2-8092 - 8-1761



Dr. Luiz Pinheiro Guimarães
CLÍNICA MÉDICA
RUA URUGUAYANA, 104 - Sala 505
TEL. 3-4120
DAS 16 HORAS AS 18 1/2 HORAS

Sedas - Lãs - Livros - Algodões
Armarinho em Geral
CASA BOÊMIA
26 - Avenida Passos - 26
Tel. 2-3694
RIO DE JANEIRO

A. CHAPETA & CIA.
ALFAIATES
RUAS. JOSÉ, 51-1.º
TEL. 2-2911

ALFREDO MASSELLI
ALFAIATE
Rua do Ouvidor, 187
2.º andar
Tel. 2-9754

Português, francês
e matemática
Aulas de revisão para
os exames de acordo
com os programas em
vigor
Das 5 às 7
diariamente
Rua Luiz de Camões, 10
1.º andar - (em cima de Ladeira)

J. J. MARINHO
Grinas, pailmas, algodões,
Lonas para cadeira e toldo,
Barbante e fazenda para
colêções.
Rua S. Pedro, 237
TEL. 4-6781

**Fábrica de Mesas Elásticas
e Moveis de Pinho**
Rua Senador Pompeu, 76, 77, 78, 80
Tel. 4-3935
J. Bastos & Oliveira
MATRIZ:
Rua Senador Pompeu, 50 e 50-1.º e 2.º andar

CASA MOURÃO
Grande Fábrica de Espelhos,
Oficina de Bisantação e espelhagem,
Grande Sortimento de espelhos
de 1.º e 2.º espeies
Rua General Caldwell, 96
Telefone 4-4095

AO COLOMBO
GRANDE ALFAIATARIA
Osorio J. Pedro
Rua Marechal Floriano Peixoto, 181
Aceitam-se encomendas para con-
feccionar por preços mínimos em
12 horas